

No Castelo de Moura e suas redondezas encontraram-se alguns vestígios materiais testemunhos da ocupação islâmica, assim como materiais cerâmicos dos períodos Califal e taifas (século X – XI), e os fragmentos de uma pequena arca em osso do período Almoada, etc.

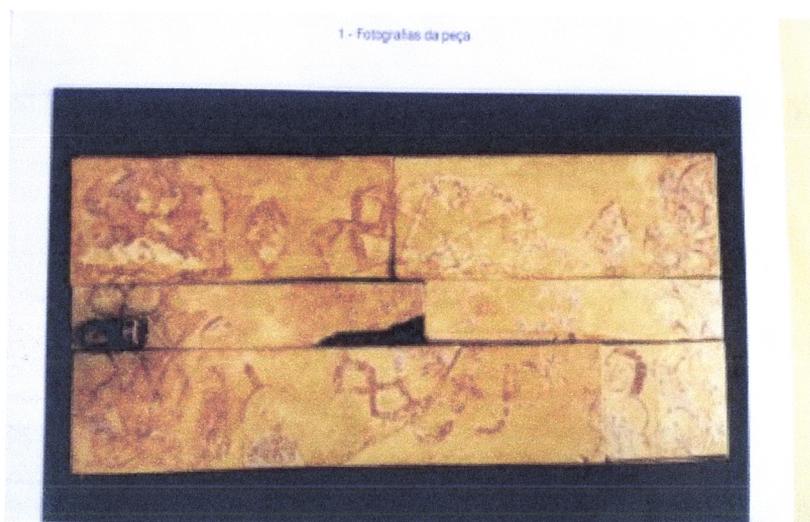


Fig. 4.4- Moura, fragmento de pequena arca em osso considerada como uma peça rara no contexto da história do Período Islâmico do Garbe, prova a existência de uma ocupação importante no alcácer de Moura (Santiago Macias, relatório sobre o achado arqueológico arca islâmica, Câmara Municipal de Moura)

É importante referir também, a possível existência de uma mesquita, núcleo religioso e ponto de reunião social neste período histórico. Esta edificação foi construída em meados do século XI por *al-Mutadid*, e possivelmente localizada no centro da fortificação, local posteriormente ocupado pela Igreja de Sta. Maria do Castelo no período da Pós-Reconquista.

No Período Medieval a fortificação de Moura implantada num local estratégico tornou-se um núcleo urbano de alguma importância.

Segundo João Carlos Garcia, «*Na última fase da Reconquista, Moura era, sem dúvida, a mais importante das povoações da margem esquerda do Guadiana, polarizadas pelas cidades alentejanas.*» (132 - *Ibn Alfaradi (século XIII) diz Moura «castelo da província de Beja (D. Lopes - op. cit., III, p.229)»*)¹².

No período Pós-Reconquista, o sistema defensivo de Moura foi recuperado pela necessidade de ser ampliado e fortificado, devido à vaga grandiosa de guerras entre povos, que disputavam território tão importante ¹³. Naquele sistema defensivo aproveitou-se o amuralhamento islâmico, na sua maior parte destruído no século XIX.

¹² João Carlos Garcia, *O Espaço Medieval da Reconquista do Sudoeste da Península Ibérica*, s.e., Porto, 1984, p. 42.

¹³ Joel, Serrão; A.H. de Oliveira, *Nova História de Portugal, em Definição de Fronteiras do Condado Portucalense à crise do Séc. XIV, O Poder e o Espaço, O Campo Muçulmano*, vol.III, Editorial Prresença, Lisboa, 1996, pp. 64-78.



Fig. 4.5 – Moura, vista da fortificação, troços de muralha islâmica e medieval (Câmara Municipal de Moura)

A divisão do espaço Intra–Muros era outra característica da cidade medieval. Na maioria das cidades e vilas, compartimentava-se o espaço em duas unidades: a alcáçova ou fortaleza, e a medina ou restante espaço intra-muros.

Relativamente ao caso de Moura não temos indicações precisas de quando é que os espaços da alcáçova e a medina foram estabelecidos, levanta-se a hipótese da vila intra–muros ter sido dividida no período Dionisino¹⁴.

«O “refazimento” do alcácer do Castelo de Moura, que fica por datar com total certeza, teve como consequência a passagem de um espaço unitário no interior da fortificação para duas zonas perfeitamente delimitadas. Tal como noutras fortificações similares (Serpa e Castro da Cola, por exemplo), a passagem de um tipo de fortificação a outro marca, de forma evidente, a transição de um modelo de sociedade a outro»¹⁵.

¹⁴ S. Macias, *ob. cit.*, (1993) p. 132. Veja-se também A. N. T. T., Dicionário Geográfico, Vol. 25, m.234, f.1713 a 1757.

¹⁵ Santiago Macias, *ob. cit.*, (1993) p. 133. O mesmo autor refere ainda o seguinte: «O espaço intra-muros ficou, a partir dessa altura, dividido em duas áreas diferenciadas: uma, de maiores dimensões, com cerca de 150 por 120 metros; outra, mais pequena (a alcáçova), com 100 por 50 metros. Por um lado a nova alcáçova feudal, habitada pelos senhores da vila e pela sua guarnição e que corresponde a uma forma de apreender o espaço que nada tinha a ver com a organização social pré-existente: os seus muros separavam-na do restante povoado intra-muros e faziam dela uma célula perfeitamente autónoma, abastecida por um poço próprio e com uma porta que abria directamente ao exterior. Do outro lado do muro, e ocupando mais de 3/4 do espaço amuralhado, ficava a vila intra-muros, ainda parcialmente habitada em meados deste século.» *Idem*, p. 133.

ERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO URBANO DE MOURA

Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

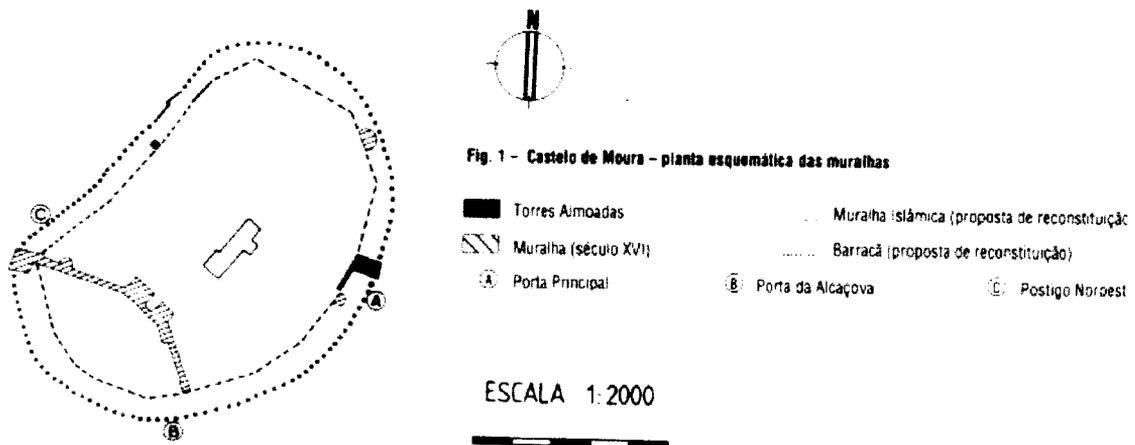


Fig. 4.6 - Moura, divisão do Espaço Intra-muros do Castelo e esquemas das muralhas (Santiago Macias, Moura na Baixa Idade Média em *Arqueologia* nº2, Edições Afrontamento, Porto, 1993, p. 128)

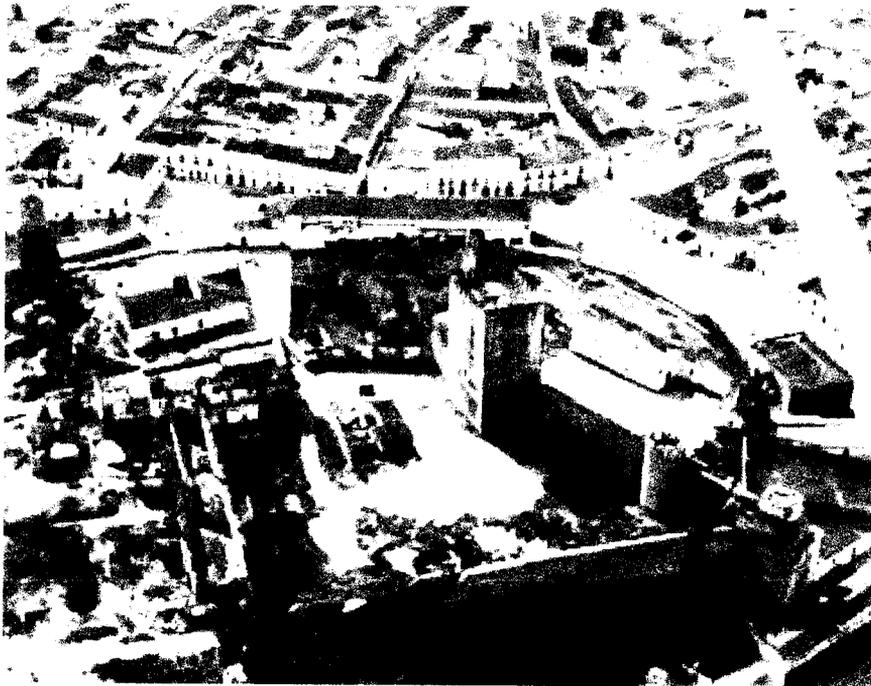


Fig. 4.7 - Moura, vista aérea antiga, divisão do espaço Intra-Muros do Castelo (alcáçova e medina) (Biblioteca Municipal de Moura)

A. H. de Oliveira Marques, baseado num desenho de uma planta da alcáçova de Moura do Livro das Fortalezas de Duarte D'Armas, afirma que a alcáçova tinha uma dimensão muito significativa, contendo em princípio bastantes casas de habitação e até um espaço frutícola - um laranjal como uma zona de lazer e de grande funciona-

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

lidade, individualizado por estar murado, como podemos observar através do desenho da planta, e por ainda aí existir, um poço ¹⁶.

Segundo o mesmo autor, geralmente as alcáçovas não tinham grandes dimensões, seriam apenas espaços com a função de albergar o alcaide. No entanto, pelas indicações que pudemos obter a partir da planta seguinte, datada do século XVI, a alcáçova da vila de Moura, seria então bastante urbanizada pela sua dimensão algo importante, principalmente se a compararmos com outras alcáçovas de cidades e vilas do país. 15 *Ibid.* p. 72.

Apesar da sua grande dimensão, dado obtido através do documento desenhado, podemos constatar que os edifícios habitacionais se encontravam implantados junto à muralha, não havendo o estabelecimento de uma malha de ruas definidas, porque detectámos somente habitações à volta de um espaço central.

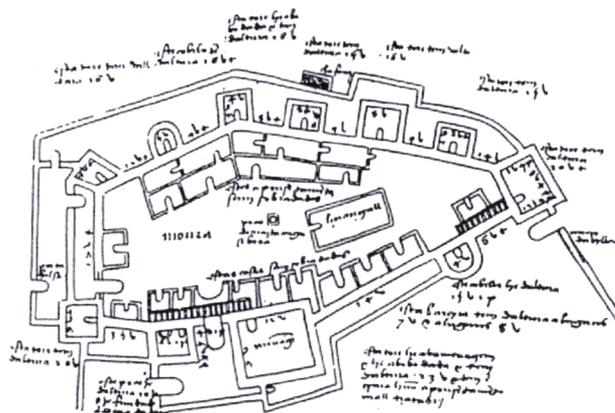


Fig. 4.8 - Moura, planta da alcáçova do Castelo, desenho de Duarte D'Armas, séc. XVI (A. H. de Oliveira, Marques, *Sociedade Medieval Portuguesa Marques, Aspectos da Vida Quotidiana, A casa*, 5º e.d., Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1987, p.72.)

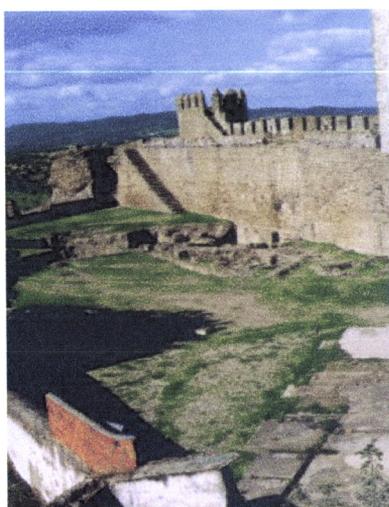


Fig. 4.9 - Moura, Alcáçova do Castelo (foto da autora)

¹⁶ A. H. de Oliveira Marques, *Sociedade Medieval Portuguesa, Aspectos da Vida Quotidiana, A Casa*, 5º e.d., Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1987, p.72.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

Para além da alcáçova definida como espaço militar e residencial da autoridade, deparamo-nos também com o resto da vila intra-muros que teria outrora, no Período Medieval, uma função defensiva representada pelas várias torres militares e o aparelho de muralhas rodeando um amplo espaço residencial, também com função religiosa mediante a presença do Convento das Dominicanas e da Igreja de Sta. Maria do Castelo.

No âmbito do contexto militar destacam-se neste espaço, as «(...) cinco torres a que o cronista se refere deverão ser as três de planta circular (a de Salúquia, a do Relógio e a do muro da alcáçova), a Torre de Menagem e a que está ao seu lado. Terão, além disso permanecido integradas nas muralhas do castelo grandes extensões da antiga fortificação árabe – os “muros e torres antigas” a que o texto alude –, que só viriam a ser destruídas ao longo do século XIX como veremos adiante»¹⁷.

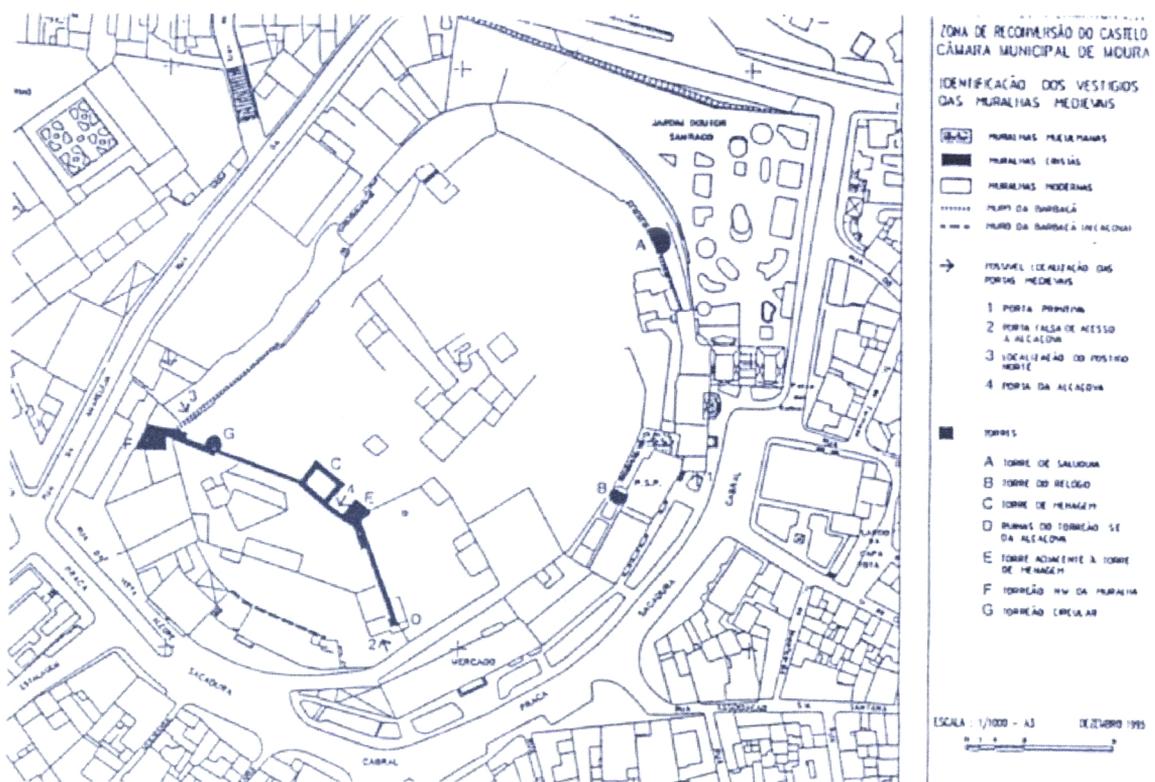


Fig. 4.10 - Moura, Castelo, definição das torres militares (José Lamas e Associados, Plano de Pormenor, Zona de Reversão do Castelo, Câmara Municipal de Moura, p. 4.22)

¹⁷ Santiago Macias, *As Muralhas Medievais de Moura*, volume III, 2ª série, e.d. Arquivo de Beja, Beja, 1986, p. 255.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

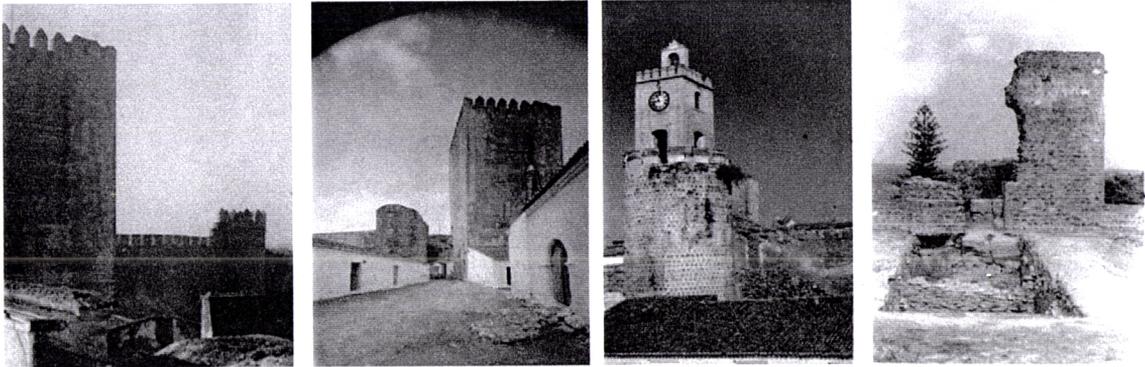


Fig. 4.11 - Moura, Castelo, Torre de Menagem e Torre Semi-circular (BMM), Fig. 4.12 – *Idem*, Torre adjacente à Torre de Menagem (BMM), Fig. 4.13 - *Idem*, Torre do Relógio (BMM) e Fig. 4.14 - *Idem*, Torre Salúquia (BMM)

Através dos dados históricos encontrados sobre esta vila sabemos que para além do Espaço Intra-Muros ter sido habitado totalmente, houve necessidade de se construírem dois arrabaldes. O primeiro, o Bairro da Mouraria, já anteriormente referido, remonta possivelmente aos finais do século XIV, construído em razão de à época não se permitir a miscigenação entre os povos cristão e o mouro ¹⁸.

É conveniente realçar que para além deste arrabalde surgiu uma segunda expansão designada por “arrabalde novo”. Sobre a expansão urbana da vila, Santiago Macias esclarece que a «*Povoação de difícil conquista na Idade Média, dadas as privilegiadas condições desfrutadas pela acrópole, tornou-se, porém, extremamente vulnerável com o crescimento dos arrabaldes - em especial no século XV - e, sobretudo, com o aparecimento da artilharia no cerco às povoações*» ¹⁹.



Fig. 4.15 - Moura, primeira expansão extra-muros, desde a conquista cristã até aos finais do século XIV (José Lamas e Associados, Plano de Pormenor, Zona de Reconversão do Castelo, Câmara Municipal de Moura, p.4.7)

¹⁸ Veja-se Humberto Moreno Baquero, Os Mudéjares do Portugal Medieval, em *Conferências da Faculdade de Letras do Porto, Porto, 1994, pp.10-15.*

¹⁹ Santiago Macias, Escavações Arqueológicas no Castelo de Moura, em *Arqueologia En El Entorno del Bajo Guadiana, Actas del Encuentro Internacional de Arqueologia del Suroeste, Universidade de Huelva, Huelva, 1994, p.677.* A propósito do assunto veja-se a obra de M. Ferro Tavares, Judeus e Mouros no Portugal dos Séculos XIV e XV (tentativa de estudo comparativa), em *separata da Revista de História Económica e Social, nº 9, Editora Sà da Costa, 1982, p.83.*

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

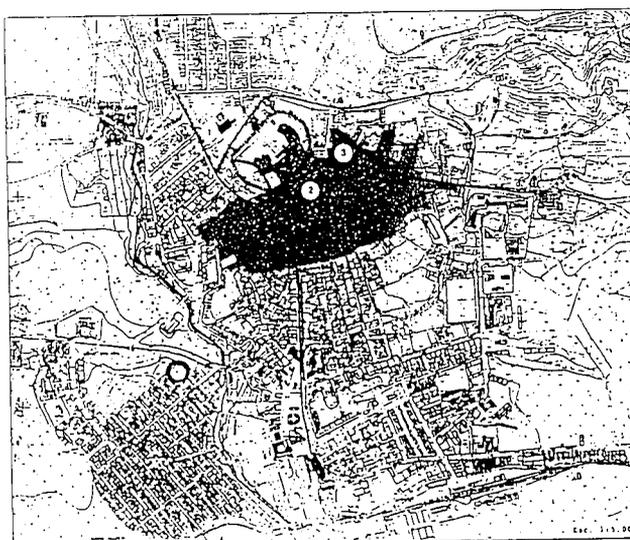


Fig. 4.16 - Moura, ocupação progressiva medieval entre o séc. XV até meados do séc. XVI (José Lamas e Associados, Plano de Pomenor, Zona de Reversão do Castelo, Câmara Municipal de Moura, p.4.8)

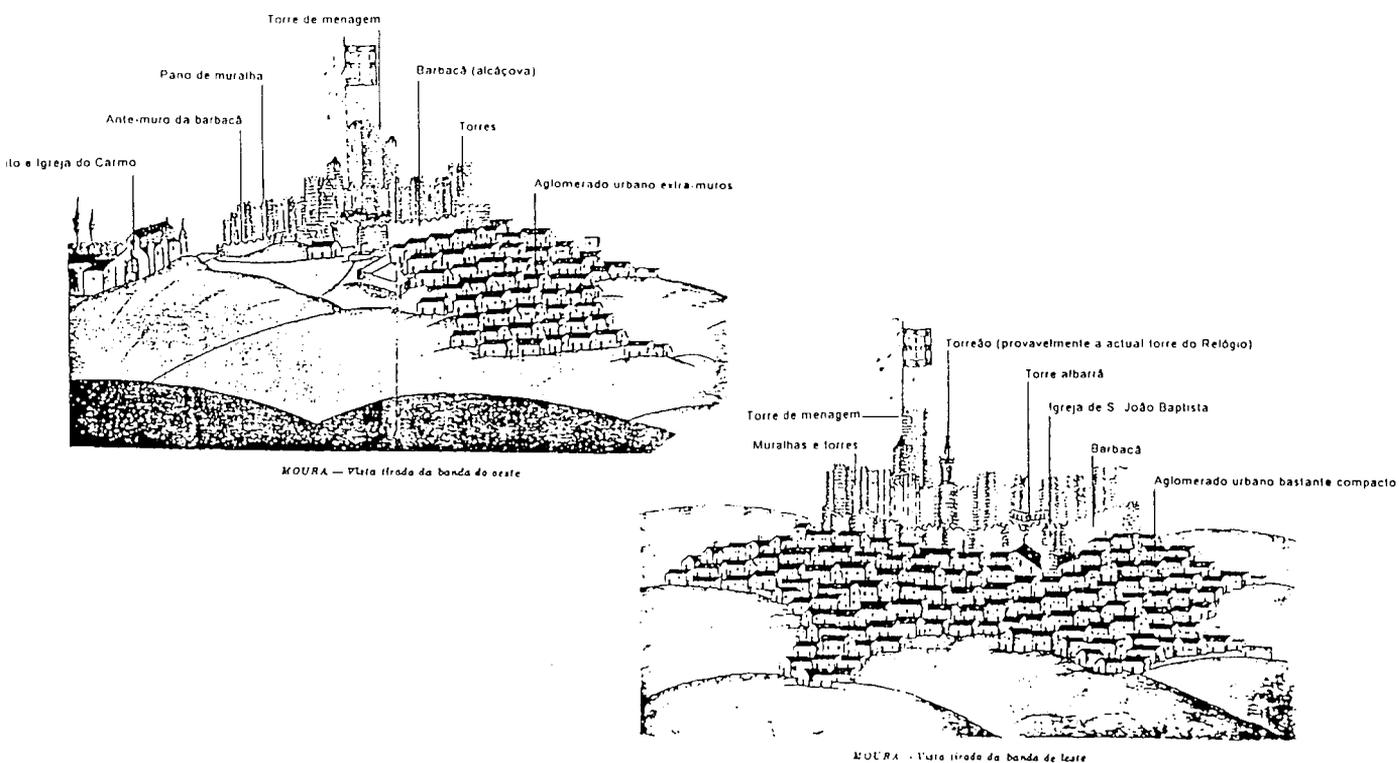


Fig. 4.17 e Fig. 4.18 - Moura, vista Oeste e Leste do Castelo de Moura, séc. XVI. (A.H. de Oliveira Marques, *Sociedade Medieval Portuguesa, Aspectos da Vida Quotidiana, A Casa*, em, 5ª ed., Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1987, p.73)

O Bairro da Mouraria, a dada altura superlotado, levou a população moura-forra a habitar em outros locais da cidade. Pela legislação régia, a população moura forra só deveria habitar nas mourarias ou aljamas. No entanto, nem sempre tais disposições eram cumpridas, alegando-se a inexistência de espaços habitacionais suficientes.

No caso da vila em estudo, acontecia tal situação, pois o número de habitantes era excedente para o espaço que lhes estava destinado na Mouraria, o que os levou a ocupar outras áreas da vila. Confrontando com esta anomalia, o concelho chegou a denunciar tal abuso, mas apesar de tudo, talvez pela difícil resolução do problema, o Rei mostrou uma certa tolerância, decidindo que os mouros que não tivessem habitação no bairro da Mouraria, poderiam viver em outros pontos residenciais, o que, contudo, originou protestos por parte da população cristã²⁰.

No Período Moderno houve novamente um aumento da malha urbana pela criação de um bairro de características renascentistas, realidade que possivelmente causou um certo detrimento do espaço intra-muros do castelo, talvez pela diminuição da população residente.

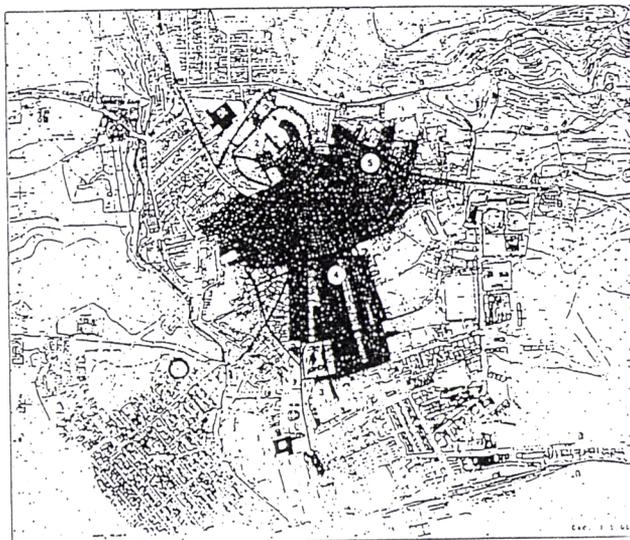
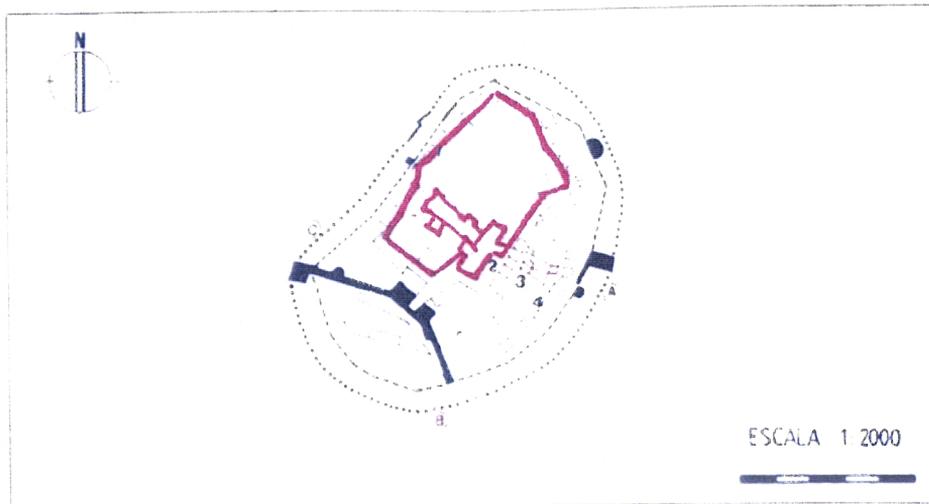


Fig. 4.19 – Moura, evolução urbana entre meados do séc. XVI e meados do século XVII (José Lamas e Associados, Plano de Pormenor, Zona de Reconversão do Castelo, Câmara Municipal de Moura, p.4.9)

²⁰ «Outro sim dizedes que nessa villa ha Mouraria apartada e que alguns mouros vem morar antre vos. Sobre isto tenho por bem e mando que se tantas casas ha na dita mouraria que morem em ellas e façede-os em ellas morar e doutra guisa mando que os nom constrandades (A.H.M., Tombo da Vila de Moura, I, fol.11v.)» Citado por S. Macias, *ob.cit.*, 1993, p. 136.

Moura ganha no entanto, um estatuto diferente e passa a ser detentora de um núcleo religioso que se evidencia certamente na cidade, o Convento das Dominicanas designado também por Nossa Sr.^a da Assunção, fundado por D. Ângela de Moura entre 1562-66. Antes da ocorrência deste acontecimento, a presença religiosa era apenas representada pela Igreja de Sta Maria do Castelo, tendo esta a função de local de culto e de matriz da cidade, até estar construída a Igreja de S. João Baptista, nos arrabaldes da mesma. Provavelmente, para do núcleo de religiosas, haveria ainda população a viver neste espaço.



4.20 - Moura, Castelo, planta de implantação do Convento de N. Sr.ª da Assunção do Castelo (Santiago Macias, Moura na Baixa Idade Média em Arqueologia nº2. Edições Afrontamento, Porto, 1993, p.141)



Fig. 4.21 – Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo (BMM)

Fig.4.22 - *Idem*, Convento de N. Sr.ª da Assunção do Castelo (BMM)

Uma outra fase deste período merece o nosso destaque, pelos vários conflitos militares que imprimiram novo rumo ao Alentejo, incluindo a cidade de Moura. Trata-se do período compreendido entre 1640 e 1670, fortemente marcado pelas lutas decorrentes da Restauração da independência de Portugal, perturbações que conduzi-

ram à decisão urgente de edificação de fortificações militares ao longo de toda a linha fronteira, no Alentejo e Beira Baixa ²¹.

Através destas indicações podemos ter a noção de como neste período a vila de Moura, estava pouco segura em virtude do fraco sistema defensivo de que dispunha (Castelo). Por essa razão, houve necessidade de arranjar soluções para prevenir a investida de inimigos. A solução baseava-se na concretização de um novo amuralhamento.

Assim, em 1655, Nicolau de Langres foi contactado por André de Albuquerque que governava as armas do Alentejo, para pensar a forma de edificar uma nova fortificação em Moura no ano de 1657, pois o sistema defensivo medieval tornava-se na altura pouco eficaz para uma segurança correcta. Para se concretizar este projecto, cuja construção se baseava nas regras da moderna arquitectura militar, seria necessário derrubar um número significativo de bairros limítrofes da vila ²².

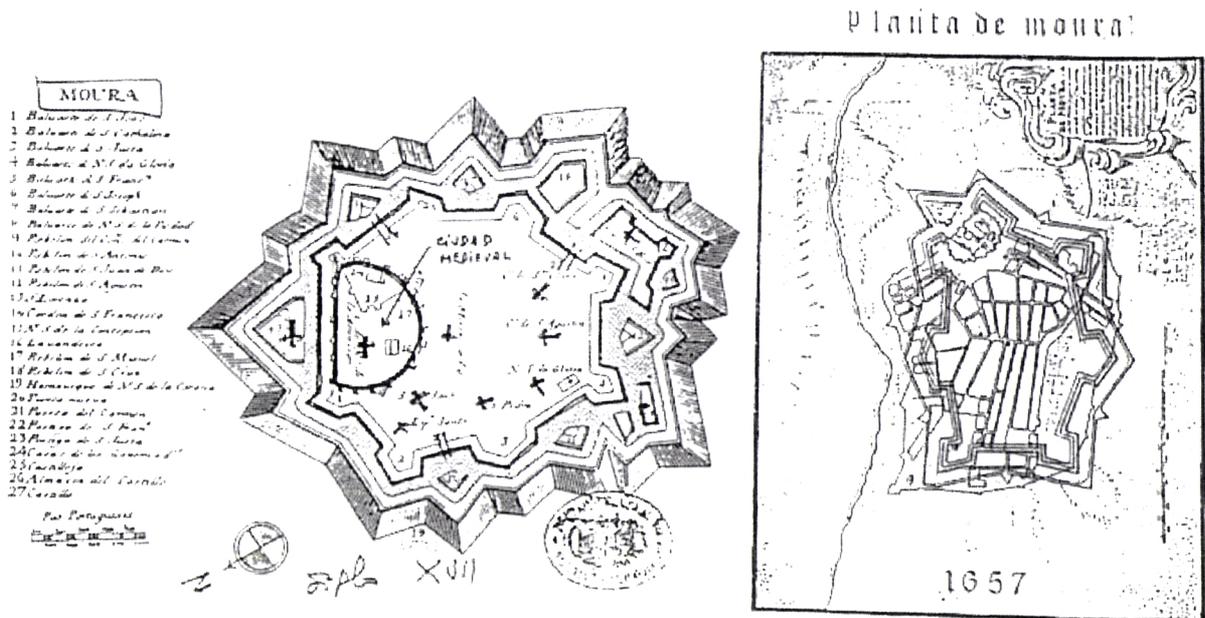


Fig. 4.23 e 4.24 - Plantas do projecto de Nicolau de Langres para o novo amuralhamento em Moura (BMM)

Para além da destruição das malhas urbanas, também o Castelo sofreu alterações bastante significativas, aquando da edificação da cerca nova. A sua barbaca integrada na muralha Sul foi completamente destruída e o seu espaço considerado um bom local de implantação de edifícios, dos quais se destacam a Câmara Municipal

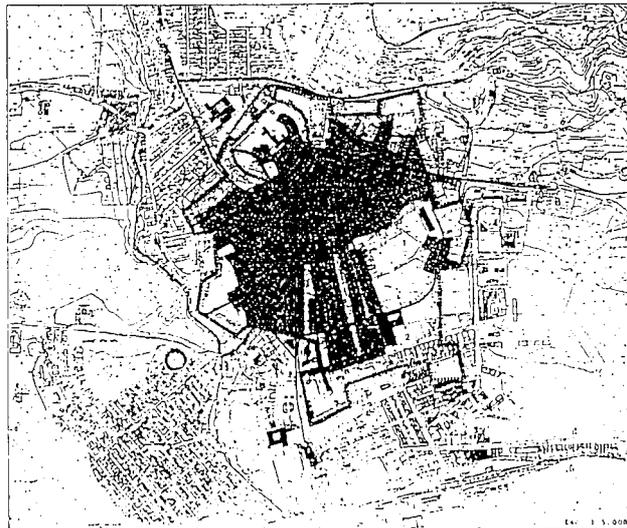
²¹ Santiago Macias, *Fortificações Modernas de Moura*, Faculdade de Letras, 1985, p. 18 e ainda se pode acrescentar «Na zona de Moura, a primeira intervenção no âmbito da arquitectura militar neste período data de 1645 e diz respeito a uma ordem dada a João Cosmader para que povoasse e fortificasse a aldeia de Santo Aleixo, situada a cerca de 20 Km a leste de Moura, de forma que esta povoação servisse de anteparo à praça de Moura (...)». Esta vila não terá (...) no entanto, sofrido durante os primeiros anos de guerra da Restauração obras na sua fortificação. Esta terão apenas sido iniciadas em 1657, quando o conflito parecia eternizar-se e as muralhas medievais se mostrassem ineficazes para a defesa da vila». S. Macias, *ob. cit.*, (1994) pp. 675-676.

²² *Idem.* p. 676.

de Moura e a Biblioteca ²³.

O Castelo até meados do século XVIII não perdeu, no entanto, a sua importância estratégica, pois nessa data ainda albergava e servia de depósito para material bélico, logo, as suas funções ao serviço da guerra mantinham-se ²⁴.

Perante a realidade especificada no parágrafo referido anteriormente, o Castelo e o seu espaço urbano não tiveram impacto, como centro de alguma importância no Período Moderno, pois impunha-se o gosto da população em habitar zonas mais recentes com melhores condições de habitabilidade, zonas inseridas dentro do novo amuralhamento no decurso dos séculos XVII e XVIII ou, por motivo do Castelo servir de depósito para armamento, como atrás dissemos.



4.25 - Moura, construção da cerca de muralhas modernas e consequente expansão urbana (José Lamas e Associados, Plano de Pormenor, Zona de Reconversão do Castelo, Câmara Municipal de Moura, p.4.10)

É importante referir que o séc. XVII marca uma atitude diferente de se encarar o espaço urbano e a sua arquitectura. Assim, a construção da nova muralha não só marca a passagem do mundo medieval ao mundo moder-

²³ Santiago Macias, Muralhas Medievais de Moura, vol. III, 2ª série, Arquivo de Beja, 1996, p. 263. A este propósito Santiago Macias realça ainda as possíveis introduções da muralha medieval no amuralhamento moderno: «1º Meio-baluarte do castelo – Constituído por uma face e dois flancos. Um dos flancos ligava à cortina que vinha das Fontainhas, onde se situava a Porta do Carmo, e outro à barbacã da fortificação medieval (...). 2º Meio-baluarte do jardim (ou do lago) – constituído por uma face e dois flancos. Deste conjunto resta apenas o pequeno muro que fazia a ligação à barbacã medieval, o cunhal de calcário e um pequeno troço da face, onde ainda é visível que rodeava toda a fortaleza (...).

3º Baluarte de Sta Catarina – Constituído por duas faces e dois flancos. É difícil indicar com segurança os limites da fortificação, dadas as sucessivas obras que aí tiveram lugar. Trata-se, possivelmente da única estrutura do século XVI que permaneceu no amuralhamento do século XVII (...).» Santiago Macias, *Fortificações Novas de Moura*, Faculdade de Letras, Lisboa, 1985, pp.24-25

²⁴ S. Macias, *ob. cit.*, (1994) pp. 684.

no, como teve uma certa influência na estrutura urbana da vila de Moura : abandona-se o espaço fechado de características medievais e passa-se a um mundo moderno da arquitectura barroca ²⁵.

No princípio do séc. XVIII (1707), a vila de Moura foi alvo de uma investida por parte dos castelhanos, dirigida pelo Duque de Ossuna, iniciando-se assim a Guerra da Sucessão, terminada somente em 1715. Durante estes conflitos, o castelo foi grandemente atingido, evidenciando-se as destruições de algumas torres e de parte das muralhas, muralhas submetidas entre 1701 e 1723 a obras de reforma e edificação.

Relativamente ao Bairro da Mouraria não existem dados informativos que nos elucidem se houve transformações significativas no Período Moderno.

Em 1807, descobriram-se de terras salitrosas, boa matéria prima para o fabrico de salitre. Esta descoberta teve repercussões desastrosas pelo facto da matéria prima ser o próprio amuralhamento do castelo. Desmantelaram-se, essencialmente, as muralhas de taipa e alguns troços da muralha medieval para a produção de salitre ²⁶.

Em nosso entender, tal atitude é completamente reprovável. Pela ganância do poder económico destruiu-se um elemento fundamental para a compreensão dos testemunhos que povos muito anteriores ao nosso nos legaram, destruiu-se a imagem de uma muralha importante, identificadora de uma herança inigualável criada pelas civilizações islâmica e medieval.

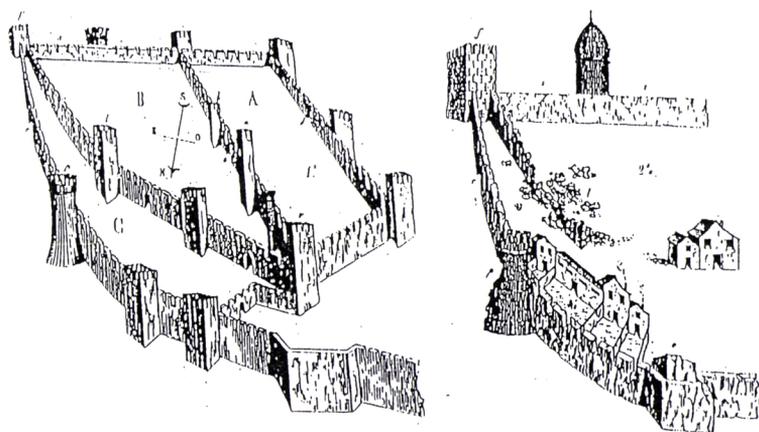


Fig. 4.26 - Moura, desmantelamento das muralhas em taipa para produção de salitre efectuado durante o séc. XIX. (BMM)

²⁵ Santiago Macias, *ob. cit.* (1985), pp. 21-22.

²⁶ «Os dados de que dispomos permitem-nos afirmar que a intervenção dos concessionários da exploração de salitre foi particularmente violenta. Além de devastarem os muros do lado Norte que ficaram positivamente descalçados, terão destruído alguns torreões situados nesta área.» Santiago Macias, *ob. cit.*, (1993) p. 265.



Fig. 4.27 - Moura, Castelo, imagem referente ao resultado do desmantelamento das muralhas em taipa para produção de salitre efectuado durante o século XIX (B.M.M.).

Neste período, o Castelo evidenciou-se pela exploração das águas minerais. *«Junto ao baluarte do Castello fica hoje arruinado o convento das freiras de S. Domingos, onde se sepultaram, segundo resa a tradição, os cavaleiros que conquistaram esta villa aos mouros.*

É muito de notar a grande elevação a que está este convento, e a muita abundancia de agua nativa que ahi se encontra.

É junto a elle, na explanada do Castello, que são exploradas tres grandes nascentes para uso dos habitantes da villa: uma que abastece a fonte de Santa Comba, a fonte das Tres Bicas e o estabelecimento balnear.

A nascente mineral que visitei em 31 de Outubro de 1901, é de todas a mais importante e brota a alguns metros do convento, junto aos muros da villa, a uns seis metros a leste da torre de menagem, e é conhecida pelo nome de «nascente de Santa Comba»²⁷.

²⁷ A. Silva, *As aguas minero-medicinaes de Moura no Alemtejo*, e.d. Officinas do «Commercio do Porto», 1903, pp. 9-10.

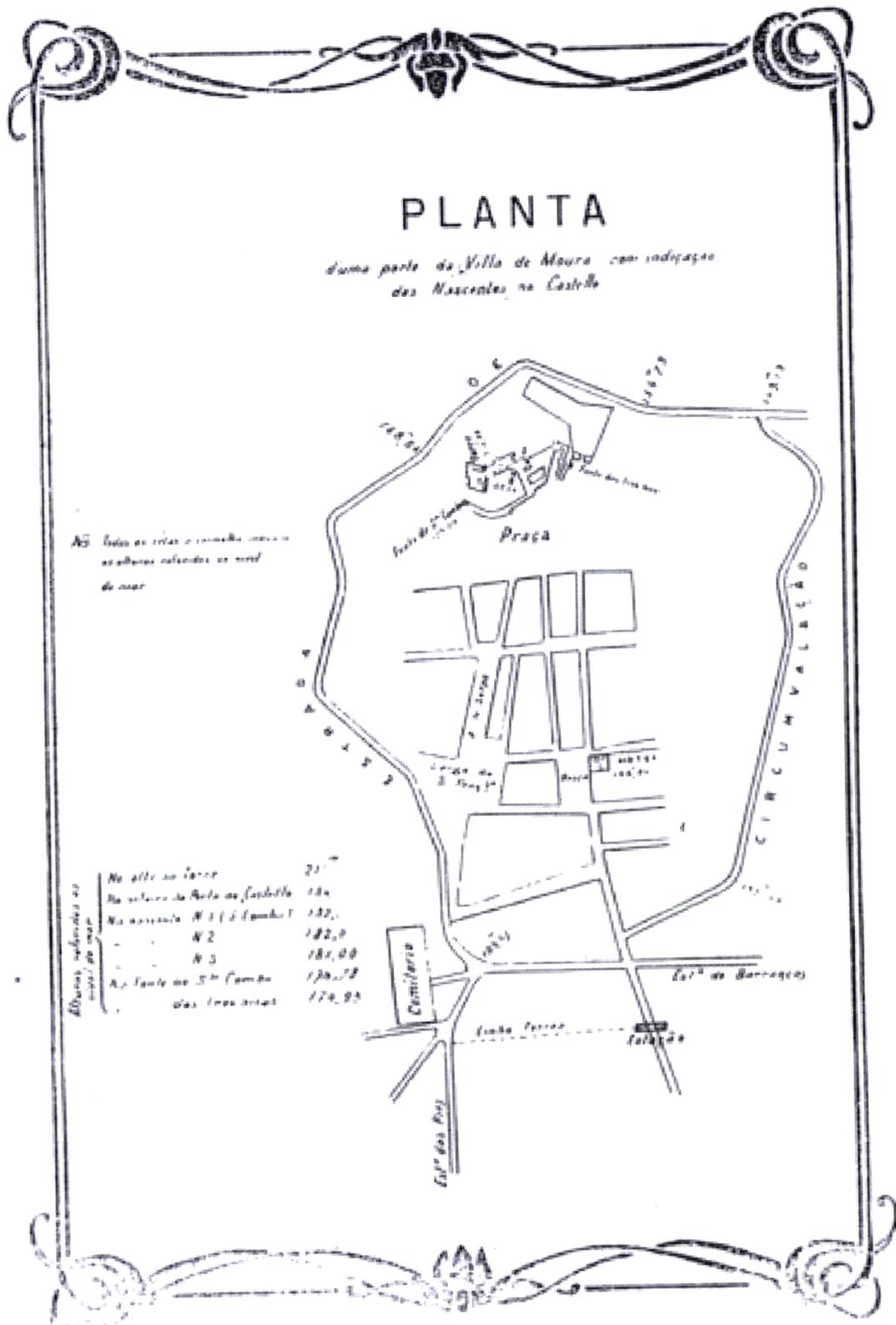


Fig. 4.28 - Planta de Moura, indicação das nascentes de água no Castelo (A. Silva, *As águas minero-medicinaes de Moura*, e.d. Oficinas do Comércio do Porto, 1903, p. 91)

CONTRIBUTO PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO URBANO DE MOURA

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.29 - Moura, estabelecimento termal (foto da autora)

No Período Contemporâneo, no século XIX ainda perdurava a vertente religiosa no Castelo, pois o Convento de Nossa Sr.^a da Assunção do Castelo foi utilizado pelas freiras da Ordem Dominicana até 1875. No espaço Intra-Muros existia possivelmente uma malha urbana definida como se pode observar em parte pela planta de 1883.

Planta do antigo Castello de Moura onde he a mesquita e fonte de Santa Comba

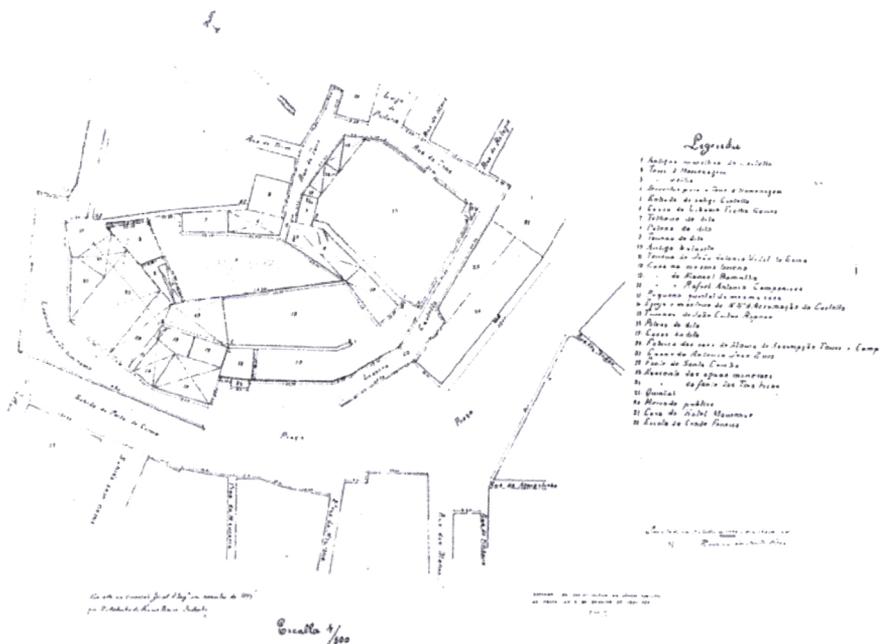


Fig. 4.30 - Moura, planta do Castelo de 1883 (CMM)

No que concerne o Bairro da Mouraria, pela falta de dados informativos, supõe-se que no século XIX se tenha mantido, a sua função habitacional.



Fig. 4.31 - Moura, prosseguimento da expansão da malha urbana no século XIX até meados do século XX. (José Lamas e Associados, Plano de Pormenor, Zona de Reconversão do Castelo, Câmara Municipal de Moura, p.4.11)

No nosso século o Castelo foi habitado de modo significativo até à década de 40, a partir da qual a malha urbana foi sendo destruída até à década de 70, permanecendo apenas os edifícios monumentais e as ruínas da última casa designada por "medieval" até à actualidade. Esta realidade pode ser constatada pela análise das plantas de 1930, 1943, 1960, 1975 e 1995.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.32 - Moura, Castelo, planta de 1930, definição da morfologia urbana e da estrutura conventual (C.M.M.)



Fig. 4.33, Fig. 4.34 e Fig. 4.35.- Moura, Bairro do Castelo, Rua da Torre, Rua do Relógio e Calçada do Castelo antes das demolições (BMM).



Fig. 4.36 e Fig. 4.37 – Moura, Bairro do Castelo, Rua do Relógio e Rua da Tona antes das demolições (Câmara Municipal de Moura)



Fig. 4.38 - Moura, Castelo, planta de 1960, diminuição do edificado habitacional em consequência do início das demolições (BMM)



Fig. 4.39 e Fig. 4.40 – Moura, Bairro do Castelo, Rua do Arco e Rua do Relógio durante as demolições (BMM)

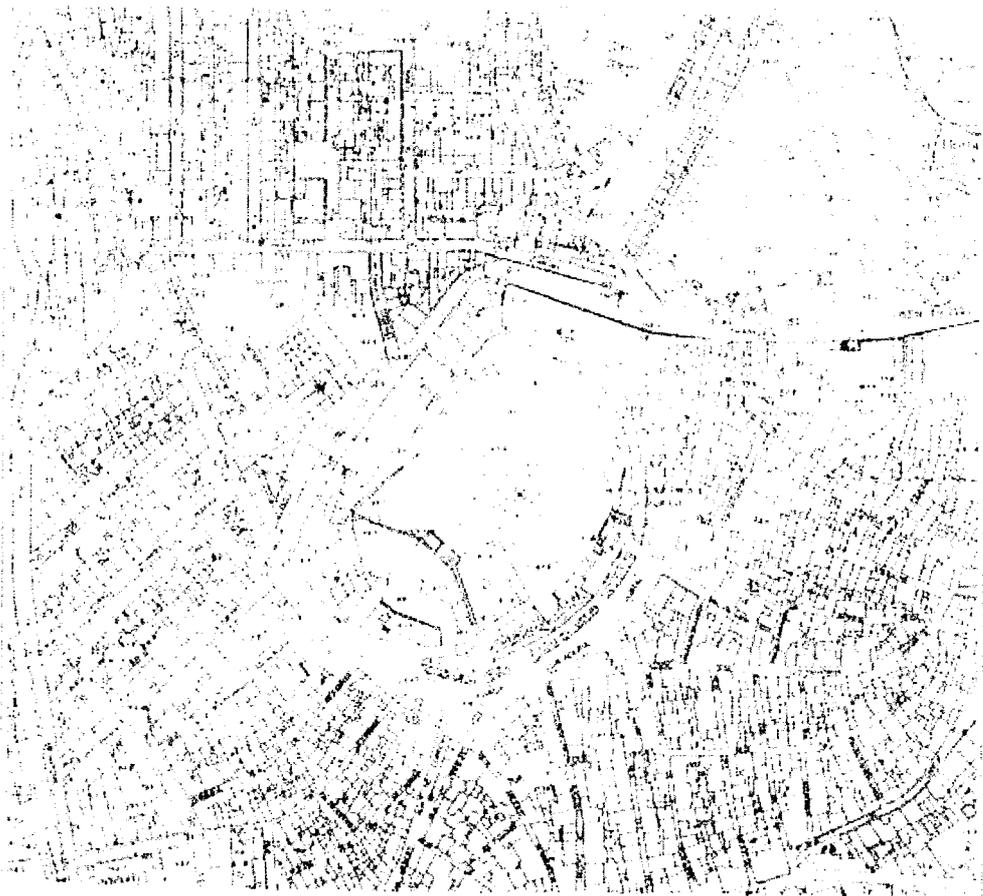


Fig. 4.41 - Moura, Castelo, planta de 1979, a malha urbana desapareceu restando apenas como vestígio habitacional a ruína da casa "medieval" (C.M.M.)



Fig. 4.42 – Moura, Castelo, a única casa (ruína) que restou da malha urbana (BMM)

No que concerne a Mouraria, no séc. XX, manteve-se a imagem arquitectónica de um bairro de características tradicionais, até ao momento em que se realizaram algumas deturpações arquitectónicas a partir das décadas de 60/70.

4.2. O Espaço Intra- Muros do Castelo

4.2.1 Delimitação da área em estudo

A área em estudo - Espaço Intra-Muros do Castelo - localiza-se no ponto mais alto da cidade de Moura, estando esta envolvida pela restante malha urbana.



Fig. 4.45 – Moura, vista geral da cidade (foto da autora)

4.2.2. Estudo arquitectónico/morfológico do edificado

4.2.2.1. Património Arquitectónico Religioso - Igreja de Sta. Maria do Castelo e Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo

a) Da fundação à extinção

Igreja de St^a. Maria do Castelo

Começaremos por referir a fundação da igreja, pelo facto desta ter sido construída anteriormente ao Convento de N^a Sra. da Assunção.

Apesar de não termos dados informativos concretos, sobre este edifício, é suposto que este terá sido construído no Período Pós-Reconquista no mesmo local de implantação que a mesquita árabe.

Segundo Santiago Macias esta igreja foi designada pelo nome de "St^a Maria do Castelo" logo no Período Pós-Reconquista, como se pode inferir da seguinte citação: «(...) a persistência de ocupação do local com um imóvel religioso constitui uma característica comum a outras cidades do Sul peninsular. Sintomaticamente o nome dado à igreja após a Reconquista (Santa Maria do Castelo) aparece com frequência, associado a mesquitas convertidas ao cristianismo e nas quais se pretendia exorcizar o peso da religião islâmica – citem-se os casos de Bada-

joz, Puerto de Santa Maria, Ronda, da mesquita real de Alhambra, de Almeria e de Alcalá de Guadaira (Sevilha)»²⁸.

Esta igreja manteve durante muito tempo a função de paróquia e matriz até que D. Manuel ordenou a construção da igreja de S. João Baptista, erguida no século XV. Já no reinado de Afonso V, a população de Moura sentia a necessidade de transferir a sede paroquial da Igreja de Stª Maria do Castelo, para uma antiga capela dedicada a S. João Baptista em 1455. Esta igreja foi integrada no Convento Nª Sra. da Assunção com a permissão do Rei D. Sebastião, tendo a construção deste convento sido iniciada em 1562²⁹.

O convento e a igreja sofreram, possivelmente, estragos no terramoto de 1755, tendo em ambos os edificios sido aplicadas obras de restauro.

Na década de 60 do presente século, a igreja foi recuperada pelos Monumentos Nacionais (colocação de cobertura no edificio), sendo apenas concretizada uma acção de consolidação no edificio, que estivera submetido até então às intempéries e que se não tivesse beneficiado dessa intervenção, teria acabado por ruir. Todavia, tal atitude não resolveu efectivamente, de modo algum, o mau estado de conservação que este edificio ainda apresenta.

Convento de Nossa Sra. da Assunção

Este convento foi fundado por D. Ângela de Moura, natural desta vila, pertencendo à antiga familia dos Mouras, filha de João Álvares de Moura e de sua mulher Aldonsa Correa³⁰.

O convento teve várias fases de construção. Luis de Almeida Cabral pronuncia-se sobre este assunto: «*Continuando a obra lhe chegou o último breve de Pio IV despachado em 18 de Julho de 1564. Continuou-se a obra mais dois anos, para ficar em perfeita clausura, e veio a povoar-se nos princípios de 1566, com 5 religiosas que trouxe do Convento do Paraíso de Évora*»³¹.

Pelas leituras que realizámos foi possível constatar a utilização do convento como edificio religioso até 12 de Julho de 1875, aquando do falecimento da última freira, a Sórora Francisca de Paula Cruzeiro.

«*Quando faleceu a última superiora em 1875, a Direcção da Fazenda Nacional mandou que se tomasse posse dos bens e se cobrassem as rendas das propriedades e os foros. Contra isto insurgiram-se os herdeiros. Só oito anos depois, em 26 de Agosto de 1883 o Juiz da Comarca de Moura deu posse judicial das fazendas situadas neste conselho e, á mesma altura, o Juiz de Direito de Serpa entregou-lhes, por sentença as propriedades de Defesa, Formosa e de Valverde (...).*»

²⁸ Santiago Macias, Moura na Baixa Idade Média : Elementos para um estudo histórico e arqueológico – a mesquita, em *Arqueologia Medieval* nº 2, Edições Afrontamento, 1993, Porto, p. 131.

²⁹ João da Mouca, Igreja de S. João Baptista, e.d. Biblioteca Municipal de Moura de Moura, Moura, 1987, p. 2.

³⁰ Luiz Cabral, *História da Notável Vila de Moura*, e.d. Câmara Municipal de Moura, Moura, 1991, p. 19

³¹ *Idem*, p. 20.

As demandas duraram até 4 de Fevereiro de 1896 quando, em cumprimento de despacho Ministerial, a Fazenda Nacional reconheceu os direitos que os herdeiros tinham aos bens deixados por D. Ângela, como últimos administradores do Morgado da Corte-Serrão, quais bens tinham estado até esta data na posse da administração da Fazenda Nacional, a saber; o Edifício do Convento e da Igreja, embora esta não tivesse sido da fundadora, mas fora doado ao mosteiro, pelo Rei por interferência do Cardeal Henrique; páteos e hortas; umas casas térreas que foram habitação das criadas e da cavalaria; metade da horta de Vale de Flores no caminho para a Barca e 35 dos 187 foros cobrados pela Fazenda Nacional. Ficou mais estipulado que a Fazenda Nacional não restituiria coisa alguma do que tinha recebido até ao presente pelas rendas e foros, nem as herdeiras exigirão dos rendeiros ou enfiteutas a repetição dos pagamentos já feitos»³².

Podemos referir que o convento se evidenciou pelo facto de todos os seus bens e propriedades não terem pertencido à Fazenda Nacional, (o que aconteceu, aliás, com quase todos os conventos de Portugal). Estes revertiram, por testamento, a favor dos descendentes de D. Maria Ângela de Moura³³.

Como já foi referido anteriormente, este convento sofreu estragos no terramoto de 1755, vindo a ser restaurado por D. Frei Miguel de Távora, arcebispo de Évora³⁴.

No nosso século, concretizaram-se algumas obras de consolidação, como o preenchimento de paredes exteriores de alguns compartimentos do corpo principal do convento, com o intuito de não ruírem, acções realizadas pela Câmara Municipal de Moura. Os Monumentos Nacionais intervieram no edifício Roda dos Expostos, ao que julgamos, com a mesma intenção.

No entanto, estas intervenções não só não foram finalizadas, como estão muito aquém de resolverem o estado actual deste edificado e, principalmente, daquele que nunca foi intervencionado.

b) Situação e sítio (local de implantação)

Igreja de St^a. Maria do Castelo

A igreja de St^a. Maria do Castelo está situada no ponto central da fortificação medieval.

Como já referimos na alínea referente à fundação deste edifício, o local de implantação desta igreja coincidia, possivelmente, com o local da implantação da mesquita árabe.

³² Casimiro Wolf, Os bens da D. Ângela de Moura, fundadora do Mosteiro do Castelo e os Herdeiros, em *Resenha Histórica de Moura*, e.d. Biblioteca Municipal de Moura, 1983, pp. 64-65.

³³ Com base num texto referente ao Convento de Nossa Sra. da Assunção, escrito pelo padre Casimiro, em 1983, podemos acrescentar que os bens pertencentes à D. Ângela de Moura foram herdados por inúmeras gerações. A última possuidora desta herança foi também uma Sra. D. Ângela, que vendeu a sua propriedade do Castelo nos anos de 1930/32 ao Sr. Dr. José Silvestre Ferreira Bossa, passando depois para as mãos do Dr. Manuel Lacerda por duzentas libras de ouro. Como este não pagou os direitos de transmissão da herança, não pôde inscrever a propriedade no seu nome, passando esta a pertencer à Fazenda Nacional, que em 1944 a deu à Câmara Municipal. *Idem*, p.72.

³⁴ C. Correia, Achegas para a História de Moura, citado por Mariana Aguilar, *Homenagem a Monsenhor Costa Correia*, Câmara Municipal de Moura, Moura, 1994, p. 65.

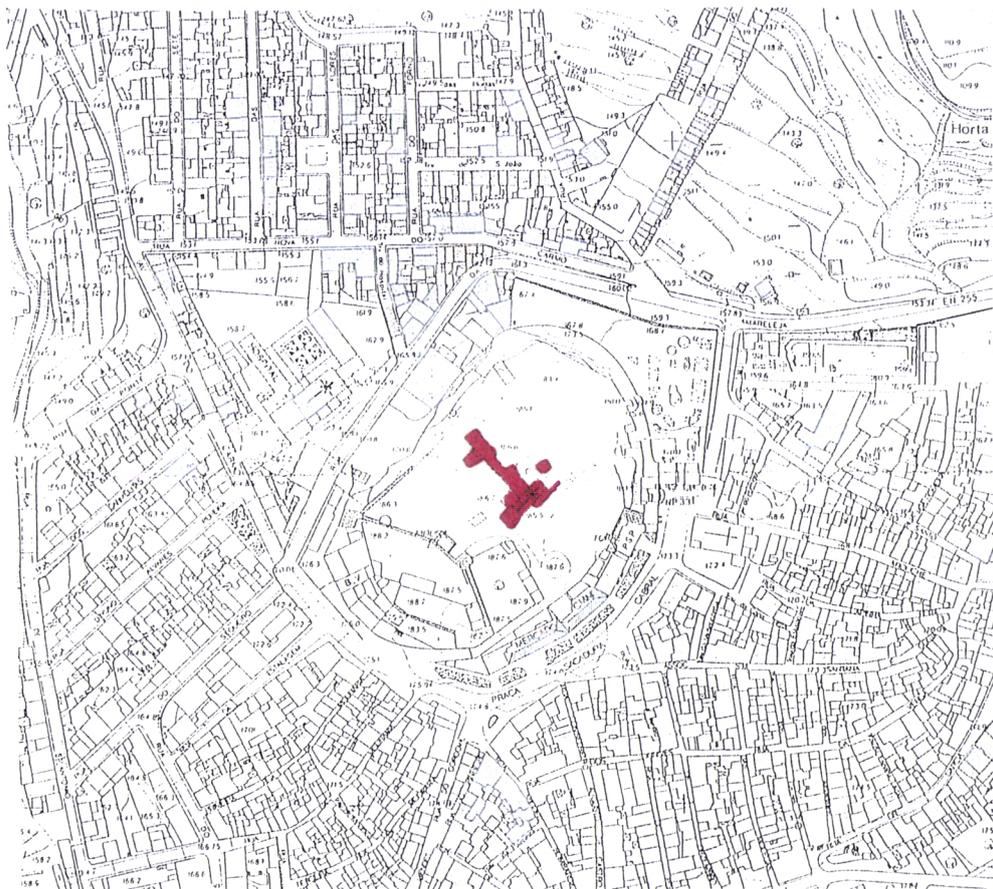


Fig. 4.46 - Castelo de Moura, planta de localização da Igreja de Sta. Maria do Castelo e Convento de N. Sr.ª da Assunção do Castelo

c) Leitura e Descrição Arquitectónica do núcleo conventual – Plantas e Alçados

A descrição da igreja é inserida neste ponto como um corpo pertencente ao núcleo conventual.

Através de relatos de D. Ângela de Moura, podemos ter a noção do quão era grande este convento : «*Eu fiz este mosteiro em duas cazas que meu pay me deu, e em outras muitas que comprei em huma rua publica pella qual dei outra que fis em miuitas casa que comprei por esta rua se serve agora o povo e entra nesta Igreja pella porta travessa e assi, em hum altar desta propria igreja de Nossa Snr.ª do Castello pus hum Retabollo de Santiago, e assim pus em outro Altar desta Igreja de Santo Ant^o, e assim pus no altar hum sacrario em que está o Sanctissimo Sacramento, e assim a iagem de Nossa Snr.ª e que assim pus a ditta Igreja hum Pulpito de Pedra onde, e fiz um choro grande as Religiosa rezão e cantão os officos Divinos, e dentro neste mosteiro tenho feito choros altos e baixos, crastos, varandas, dormitórios, enfermaria com sua cozinha e casas e boticas tudo necessário à mesma enfermaria, e reeffitório e lavatório, e com outras couzas para o serviço delle casas para procuração e cozinha, cazas para as noviças, casas para escravas, Sanchristia, e casa de lavar, casa de vestoaria, portaria de*

dentro, portaria de fora e lavatórios, seleiros para o trigo e sevada e amassaria, forno e casa p.^a despejos, casa de farinha, e lavandaria com seus tanques, adeguas de azeite, Pátio de fora com suas cazas p.^a mulheres que servem de fora e além disto tudo outras cazas e pátios que estão por dentro de que as religiosas se servem (...).»³⁴

Como já referimos anteriormente, no capítulo alusivo à evolução da malha urbana do espaço intra-muros do Castelo, o Convento era delimitado por uma cerca que, pela planta de 1927, podemos observar e constatar que esta tinha a função de isolar o convento dos arruamentos que o rodeavam.

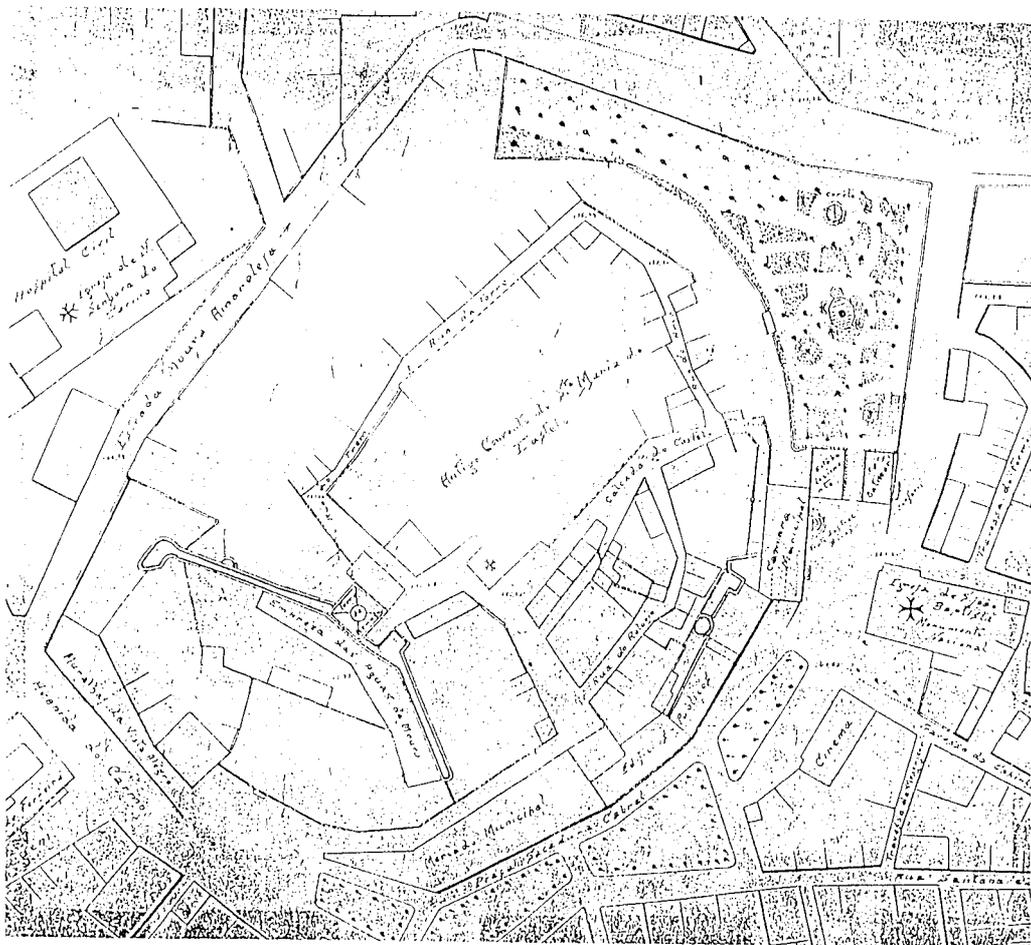


Fig. 4.47- Planta de Moura de 1927/ 30 (CMM)

³⁴ Luiz Cabral, *ob. cit.*, (1983) pp. 36-37.

CONTRIBUTO PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO URBANO DE MOURA

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

Para uma melhor compreensão do funcionamento organizacional do núcleo conventual, dividimo-lo em vários corpos, sendo cada corpo formado por um ou mais compartimentos.

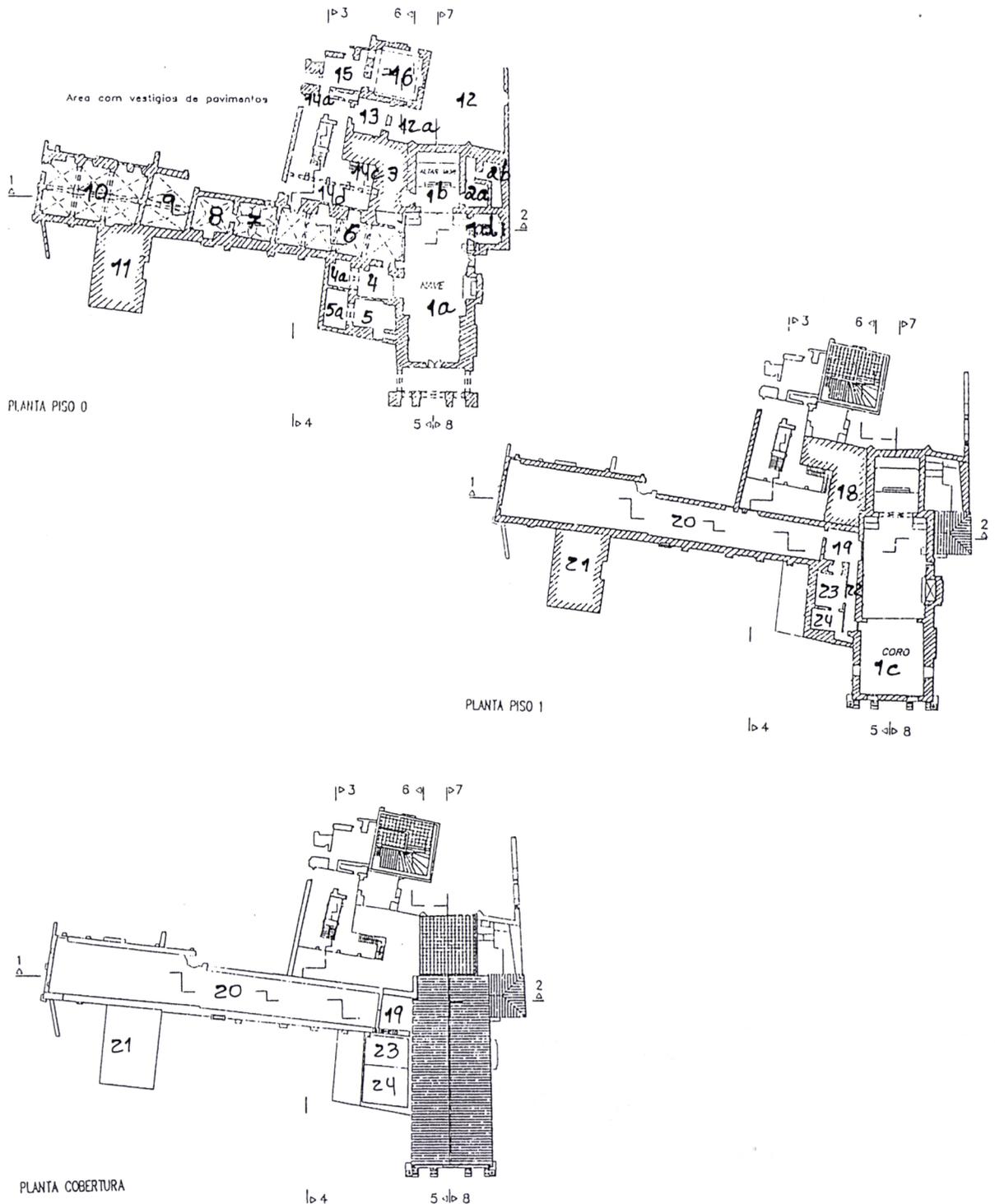


Fig. 4.48 – Moura, castelo, Convento de N. Sra. da Assunção do Castelo, planta do piso 0 , piso 1 e cobertura do Convento de N. Sr.ª da Assunção (CMM)

Corpo A - correspondente à Igreja de Sta. Maria do Castelo. É formado pelo:

- Compartimento (1) – (1a) - nave única, (1 b) – coro baixo, (1c) – coro alto no 2º piso, (1d) – capela tumular.
- Compartimento (2) – espaços de apoio à igreja - (2 a) – sacristia, (2b) – quintal da sacristia

Corpo B – corpo principal longitudinal do edifício conventual - é constituído por vários compartimentos de (planta rectangular e quadrangular) :

- No 1º piso: Corpo B1 – (compartimentos 6,7,8)

Corpo B2 (compartimentos 9,10)

- No 2º piso: Corpo B1 (compartimentos 19,20)

Corpo B2 (compartimento 20)

Corpo C – corpo secundário perpendicular ao corpo B e paralelo ao corpo A (igreja). É constituído pelos compartimentos:

- No 1º piso : (compartimentos 4, 4 a, 5, 5 a)

- No 2º piso : (compartimentos 22, 23, 24)

Corpo D – corpo secundário perpendicular ao corpo B e paralelo ao corpo A (igreja). É constituído pelos compartimentos:

- No 1º piso: (compartimento 3)

- No 2º piso: (compartimento 18)

Corpo E – corpo que dá acesso aos vários espaços privados do edifício :

- No 1º piso: compartimentos (12 - 12 a, 12b; 13; 14 - 14 a, 14b, 14c,14d)

Corpo F - corpo anexo – Edifício da Roda dos Expostos:

- No 1º piso: (compartimentos 15, 16)

Corpo G – corpo secundário perpendicular ao corpo B:

- No 1º piso: (compartimento 11)

- No 2ºpiso: (compartimento 21)

Descrição das plantas

O acesso ao convento fazia-se, antigamente, pela rua principal do espaço intra-muros, designada pela Calçada do Castelo. Actualmente, esta entrada ainda existe, dando acesso aos espaços privados do convento.

Contudo, em nosso entender, a descrição da igreja de Sta Maria do Castelo (corpo A) deve ser realizada em primeiro lugar, por ter sido construída anteriormente ao edifício conventual.

Igreja de Santa Maria do Castelo – Corpo A

A entrada principal da igreja é feita por um átrio exterior delimitado por um conjunto de pilares, demarcando estes, uma arcada. Este espaço que apresenta na parede frontal um portal renascentista, é ladeado por duas mísulas de características pertencentes ao mesmo estilo, com a função de rematar os arcos em ogiva resultantes da abóbada.



Fig. 4.49 – Moura, Igreja de Stª Maria do Castelo (foto da autora)

Fig. 4.50 - *Idem*, portal principal (foto da autora)

A igreja é de planta rectangular bastante alongada, de nave única (1a). A sua construção de origem enquadrava-se possivelmente, no estilo gótico por apresentar elementos construtivos deste período (capitéis góticos com ornatos vegetalistas). A leitura deste espaço está fragmentada pela presença do arco mestre, de volta perfeita, que assenta em colunas e bases de alvenaria de tijolo, nitidamente com a função de separar a nave principal, do coro baixo (1b). Neste ainda se encontram vestígios da localização do altar – mor. Em duas paredes laterais deste coro existem duas aberturas; na parede lateral direita uma porta que dá acesso ao compartimento 2a – sacristia, que por sua vez comunica com o compartimento 2b – quintal. Na parede lateral esquerda, há outra porta que dá acesso a um pequeno espaço, possivelmente a um confessionário.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.51 – Moura, nave única da Igreja de Sta. Maria do Castelo (foto da autora)

Nas paredes da nave, podemos ver arcadas laterais (capelas), sendo algumas ainda demarcadas por colunas encimadas pelos capitéis referidos anteriormente. Na parede lateral direita, uma destas arcadas conduz directamente a uma capela tumular de planta quadrangular (1d), onde admiramos um túmulo em pedra, representativo, possivelmente, ao estilo gótico. Outra arcada tem uma abertura que nos leva ao espaço exterior, noutra observamos um nicho; a última é cega. Na parede lateral esquerda, além da presença de arcadas cegas, existe a ligação para o corpo B pelo compartimento (6) e ligação para o corpo C pelos compartimentos (4 e 5) pertencentes ao edifício conventual.



Fig. 4.52 e Fig. 4.53 - Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo, capela mortuária (fotos da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.54, Fig. 4.55 e Fig. 4.56 - Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo, capela lateral direita e capelas laterais esquerdas (fotos da autora)



Fig. 4.57 e 4.58 – Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo – capitéis com ornatos vegetalistas (fotos da autora)



Fig. 4.59 e fig. 4.60 – Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo – revestimento de azulejos (fotos da autora)

Ao nível do 1º piso, apresenta o coro alto (1d) com quatro janelas e dois nichos.

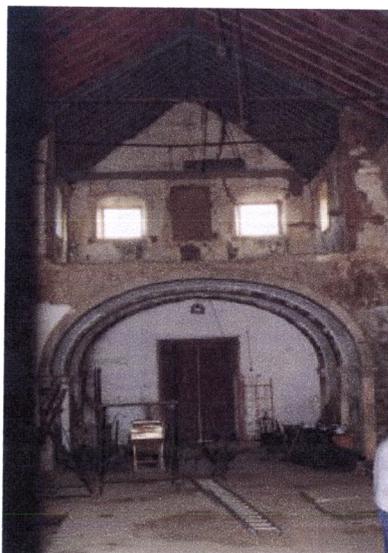


Fig. 4.61 – Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo - coro alto (foto da autora)

Relativamente ao fecho da igreja e ao coroamento do seu telhado desta, damo-nos conta de algum diversidade. A nave única não apresenta nenhum fecho, talvez por este ter desaparecido, aquando do terramoto de 1755, ou talvez por outras razões. Actualmente a igreja dispõe de uma cobertura colocada na década de 60. O fecho da capela tumular é feito por uma abóbada de aresta e o seu coroamento, em telhado de três águas.

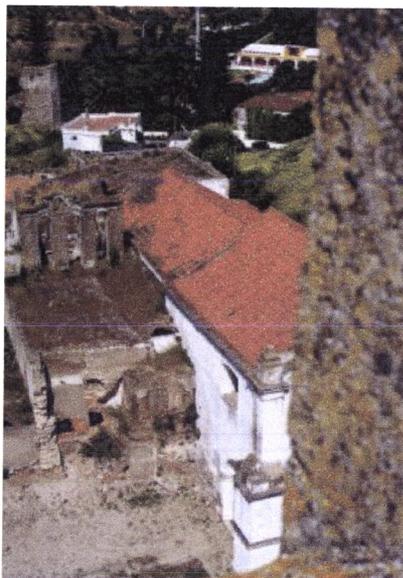


Fig. 4.62 – Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo – cobertura (foto da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

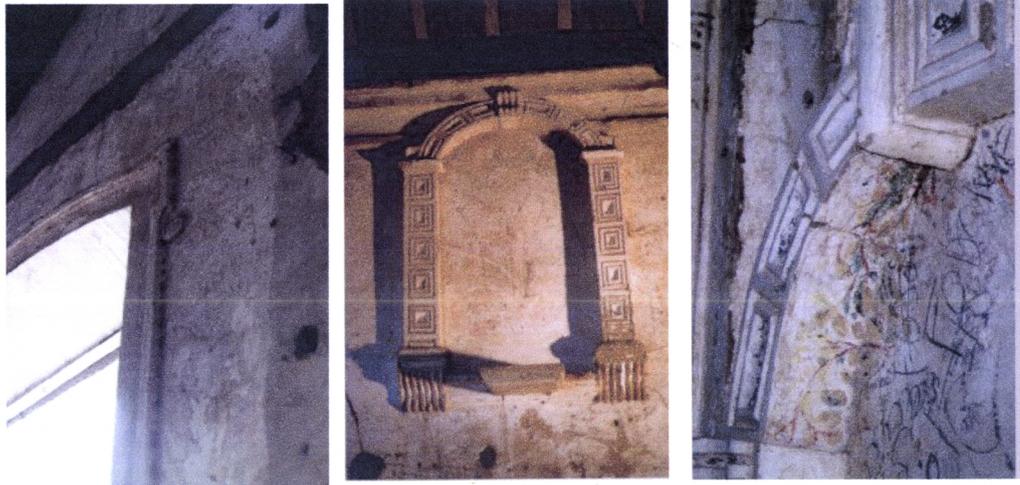


Fig. 4.63 - Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo, pormenor do emoldramento de uma das janelas do coro alto (foto da autora)
 Fig. 4.64 e Fig. 4.65 – *Idem*, nicho do coro alto (fotos da autora)

Edifício Conventual – Corpos A, B,C,D,E,F,G

Do que nos resta do edifício conventual, podemos constatar que ele é formado por vários corpos que, outrora, teriam certamente diferentes funções. No entanto, em nosso entender, consideramos que o corpo B é constituído por diferentes salas com características arquitectónicas distintas e interessantes, as quais se evidenciam, notoriamente dos restantes corpos.

Começamos por descrever o corpo E, pelo facto de nele estar localizada a entrada principal, zonas de circulação (12 a,12 b, 13, 14, 14 a, 14b, 14c, 14d) e o edifício da Roda dos Expostos (15, 16).

A entrada principal dava acesso a outro espaço possivelmente exterior (12 a). Esta ilação pode ser em parte confirmada, por este ainda apresentar calçada igual àquela que existia nas ruas, dando acesso, possivelmente, a outros que poderiam pertencer ao interior do edifício conventual (12b, 13, 14, 14 a, 14b, 14c, 14d, 15, 16), que igualmente apresentam pavimentos em tijoleira.



Fig. 4.66 – Moura, portal principal do Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo (foto da autora)

O espaço (12 a), para além de se caracterizar pelo pavimento em calçada, contém um tratamento decorativo numa das paredes que o define (parede que possui a entrada principal já referida anteriormente) – um esgrafitado, constituído por uma composição criada pela conjugação da figura geométrica - o círculo.



Fig. 4.67 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, parede decorada – esgrafito (foto da autora)

Presentemente, este espaço também está delimitado pela parede da igreja de Santa Maria do Castelo (parede que define o alçado posterior da igreja). É nítida ainda, a presença de vestígios que provam a existência de uma construção, possivelmente de um compartimento, adossado às paredes anteriormente referidas. Mais um dado que pode comprovar, efectivamente, que o espaço (12 a) era exterior.

A ligação do espaço (12 b) com o espaço (13) é feita por duas aberturas demarcadas ao nível do pavimento com soleira em pedra. Seguidamente a estas aberturas, deparamos com um espaço (13), também com o mesmo pavimento. Numa das suas paredes existe um forno, noutra um banco em alvenaria de tijolo rebocado, adossado a outro compartimento (edifício da Roda dos Expostos, descrito posteriormente).

Após o espaço 13, encontramos o espaço (14), possivelmente, com a função de espaço de circulação, pois a partir dele, podemos ter acesso ao edifício Roda dos Expostos e ao espaço íntimo do convento (6,7).

A ligação deste espaço com o espaço 16 (acesso do edifício Roda dos Expostos) fazia-se por uma entrada (14 a), caracterizada ainda pela existência de restos de duas colunas em mármore adossadas às possíveis paredes

que teriam existido neste local. Ao nível do pavimento apresenta também soleira em pedra e, contiguamente um tanque.

Uma outra escada (14c) introduz-nos no 1º piso do corpo D como posteriormente iremos referir. Por baixo desta escada rasgam-se várias aberturas que dão acesso ao 1º piso do corpo atrás mencionado.

No espaço (14) repara-se ainda numa arcada (14d) que nos permite aceder ao compartimento (6), pertencente ao corpo B; nas paredes que delimitam este acesso abrem-se dois nichos. Nesta arcada, podemos constatar também a existência de em tempos ter havido um acesso ao 1º piso do corpo D. Presentemente na parede há vestígios que comprovam ter existido outrora uma abertura encimada por um arco de volta perfeita, e podemos também observar o preenchimento de outra abertura feita posteriormente. A partir desta arcada assinalamos a ligação ao espaço exterior, onde existia outrora o claustro do convento.



Fig. 4.68 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, arcada que dá acesso ao interior do convento (foto da autora)

Os espaços (12 a, 13 e 14) poderiam possivelmente ser cobertos.

Ligado ao espaço (14) há vestígios de outro espaço de circulação e de acesso (15) a um edifício autónomo, designado por Roda dos Expostos (16), já por nós referido várias vezes. Este espaço de acesso é composto por diversos muros revestidos com azulejos, que pelas suas características policrómicas pertencem ao séc. XVIII.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

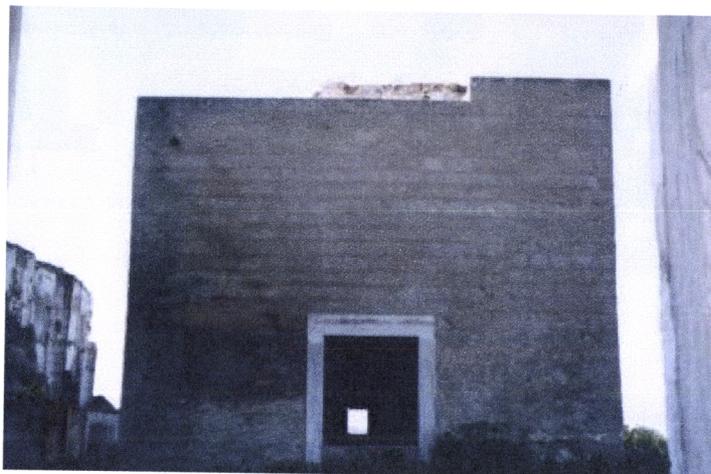


Fig. 4.69 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, Edifício da Roda dos Expostos (foto da autora)



Fig. 4.70 – *Idem*, azulejos da entrada (foto da autora)

Este compartimento tem planta quadrangular e três das suas paredes apresentam aberturas. Numa das paredes existem uma porta e duas janelas, com cantaria em pedra, de características diferentes. As outras duas paredes têm portas iguais à anteriormente descrita.

No interior deste edifício, as paredes contêm arcos de volta perfeita nas quais estão enquadradas as aberturas atrás referidas. Estes arcos desempenham a função de suportar o peso estabelecido pela cúpula, que apresenta, visivelmente, vários desenhos em reboco salientes, onde a forma geométrica círculo se evidencia. A cobertura deste edifício acompanha a forma criada na cúpula já citada no nosso trabalho.



Fig. 4.71 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, Edifício da Roda dos Expostos- revestimento do interior (foto da autora)

Seguidamente, passamos a descrever o corpo B. Voltamos a recordar que anteriormente, este corpo é, em nosso entender, aquele que mais se impõe relativamente a todos os espaços pertencentes ao núcleo conventual.

Apresenta duas partes distintas, ambas constituídas por vários compartimentos de diferentes dimensões e características construtivas. A primeira parte (B1) é constituída pelos compartimentos (6,7,8) e a segunda (B2) pelos compartimentos (9,10). O corpo em estudo tem maior dimensão em largura que o anterior; ambos apresentam dois pisos em toda a sua extensão, mas destituídos de cobertura.



Fig. 4.72 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, acesso ao compartimento (6) (foto da autora)

Este compartimento (6) tem planta rectangular; numa das suas paredes contém três aberturas, uma dá acesso ao já aludido espaço exterior devendo, as outras duas Ter exercido no passado a mesma função. Actualmente, estão, todavia, tapadas com alvenaria de tijolo. Na outra parede existem igualmente três aberturas: uma é a porta que dá acesso ao compartimento (4a) e janelas hoje em dia tapadas, se bem que no passado nos permitissem possivelmente ver o espaço exterior do convento. No pavimento deste compartimento existe uma lápide encastrada, pertencente à sepultura de D. Ângela de Moura. O fecho do espaço em questão processa-se por 4 abóbadas de aresta nervurada, cujas nervuras (construídas com tijolo e argamassa de cal) estão decoradas com duas cores diferenciadas, contribuindo a sua conjugação para a criação de uma composição definida pela forma geométrica – o rectângulo. Em nosso entender, esta composição tinha a função de simular a pedra. No interior dos arcos ogivais, resultantes desta abóbada, encontra-se representada outra figura geométrica - o triângulo, também com a mesma coloração. Sobre este conjunto de abóbadas existe o pavimento pertencente ao 1º piso.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.73 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, compartimento (6) (foto da autora)

O compartimento (7), de planta quadrangular, comunica com o último compartimento de que nos ocupámos (6) por meio de uma abertura, possivelmente uma porta. Noutra parede existem outra abertura que dá acesso directo ao espaço exterior do Convento e um nicho. Finalmente, noutra parede, praticou-se outra porta que nos liga ao compartimento seguinte (8).

O fecho deste compartimento novamente é feito em abóbada de aresta nervurada, e novamente encontramos forma geométrica triangular presente na abóbada do espaço (7). Os arcos resultantes desta abóbada são rematados por mísulas de característica renascentista.



Fig. 4.74 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, tecto abobadado do compartimento (7) (foto da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

Do compartimento anteriormente citado (7), podemos ter acesso ao seguinte (8), de planta quadrangular. No fecho deste compartimento deparamo-nos a abóbada designada por “barrete de clérigo”. Volta a apresentar nervuras e arcos rematados como no compartimento anteriormente referido, por mísulas de característica renascentista.

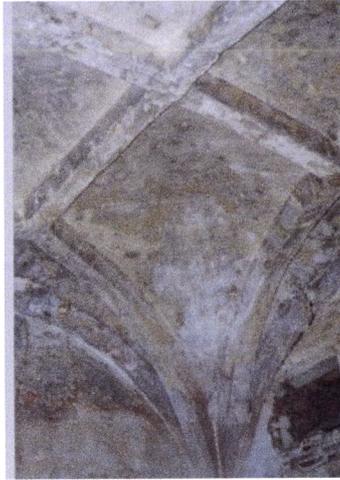


Fig. 4.75 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, tecto abobadado do compartimento (8) (foto da autora)

Fig. 4.76 - *Idem*, mísula de características renascentista do compartimento (8) (foto da autora)

Dois compartimentos (9,10) formam o corpo B2, de maiores dimensões em largura do que o primeiro corpo B1, como aliás já havíamos assinalado em anteriores informações.

O Compartimento (9) de planta rectangular, contém numa das suas paredes, uma abertura que dá acesso directo ao exterior do convento; na parede oposta, existia possivelmente uma janela. O fecho deste compartimento é em duas abóbadas de berço, também com nervuras bem evidenciadas e rematadas por estelas.



Fig. 4.77 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, tecto abobadado do compartimento (9) (foto da autora)

Fig. 4.78 - *Idem*, pormenor do revestimento do tecto abobadado do compartimento (9) (foto da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

Por último, o compartimento (10) também de planta rectangular, apresenta uma abertura que comunica com o exterior. No entanto, pomos em dúvida se estamos perante de outro acesso principal ao convento, utilizado em tempos mais primitivamente em tempos mais recuados. Este compartimento apresenta, nas suas paredes, várias arcadas cegas demarcadas por pilares em alvenaria, por cima das quais existem vários medalhões em reboco com formas geométricas definidas. Na parede que divide este compartimento do anteriormente referido (10), existe uma abertura , que, presentemente, está tapada.

O fecho deste compartimento é feito em 6 abóbadas de aresta nervuradas, suportadas e unidas em dois pilares decorados com formas parecidas com escamas que apresentam uma determinada coloração - o amarelo.

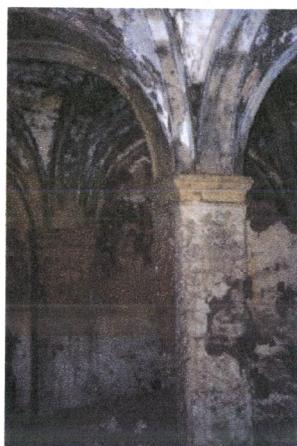


Fig. 4.79 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo , tecto abobadado do compartimento (10) (foto da autora)

Fig. 4.80 - *Idem* , coluna do compartimento (10) (foto da autora)

Fig. 4.81 - *Idem* , pormenor do revestimento da coluna do compartimento (10) (foto da autora)

O 2º piso do corpo B compõe-se apenas de dois compartimentos (19,20). O compartimento (19) apresenta uma parede que possui uma abertura com cantaria em pedra, a ligar-nos ao 2º piso, pertencente ao corpo D. Noutra parede observa-se outro nicho, podendo este possivelmente ser, uma saída de chaminé ou então uma arcada a partir da qual se poderia visualizar a Igreja de Sta Maria do Castelo. Este elemento está decorado com uma moldura onde se destaca um desenho no reboco, a imitar outro material (tijolo ou pedra), notando-se ainda vestígios de coloração branca e avermelhada. Noutra parede, existem duas aberturas que dão acesso ao 2º piso do corpo C, a descrever posteriormente, e ainda noutra parede o acesso para o outro compartimento (20) pertencente ao corpo B.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.82 – Moura, Convento de Nossa. Sra. da Assunção do Castelo, compartimento 19 (foto da autora)

Fig. 4.83 – *Idem*, pormenor do revestimento de um elemento arquitectónico do compartimento 19 (foto da autora)

O compartimento (20) caracteriza-se por ser delimitado apenas por alguns troços de paredes, num dos quais descobrimos um nicho, com vestígios de pintura, provavelmente de um fresco, representando várias formas geométricas. Este corpo não se encontra revestido de cobertura.³⁸



Fig. 4.84 e Fig. 4.85 – Moura, Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, compartimento (20) (fotos da autora)

Fig. 4.86 - *Idem*, pormenor de um nicho existente no comp. (20) (foto da autora)

A partir do compartimento (19) podemos ter acesso aos compartimentos (22,23,24) pertencentes ao corpo C.

O compartimento 23 tem uma parede com uma abertura actualmente tapada e um nicho definido por uma moldura de reboco onde a forma geométrica – o rectângulo - se destaca. Na outra parede existe uma abertura para o compartimento (24) e na última uma abertura para o compartimento (22), decorado com uma moldura em reboco. O fecho deste espaço é feito com uma abóbada de aresta nervurada.

³⁸ Por informações orais o compartimento 20 foi habitado por várias famílias ainda na década de 60.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

Como já foi referimos, contiguamente ao compartimento (23 e 24) abre-se um corredor (22), fechado por uma abóbada de berço decorada com um medalhão (estela) em reboco, no qual está definido um motivo vegetalista – a flor. De acrescentar que numa das suas paredes se pode observar um nicho.



Fig. 4.87 – Moura, Convento de Nossa Srª da Assunção do Castelo, compartimento (22) (foto da autora)

Fig. 4.88 – *Idem*, compartimento (23) (foto da autora)

Fig. 4.89 – *Idem*, nicho do compartimento (23) (foto da autora)

A descrição do corpo G ao nível do 1º piso, tem que ser feita somente através da observação directa dos alçados, pela impossibilidade de se poder entrar no único compartimento que o forma (11). Contudo, podemos supor que o aceso a este corpo se fazia pelo compartimento (10) pertencente ao Corpo B2. Podemos constatar a existência de várias aberturas no compartimento (11), uma porta que dava acesso ao espaço exterior do convento e também uma janela. O 2º piso deste corpo tem ligação com o 2º piso do corpo B, correspondente ao compartimento (20) que já antes citámos. Este contém também duas aberturas, mas não apresenta cobertura ³⁹.

Perante a descrição exhaustiva das plantas do Convento de Nossa Sra. da Assunção do Castelo, limitamo-nos a referenciar os alçados nas seguintes imagens.

³⁹ Pela obtenção de algumas informações recentes, a cobertura desapareceu neste século, pela razão, de na ausência do Dr. Manuel Lacerda, proprietário do imóvel, um seu empregado ter vendido as telhas da cobertura.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

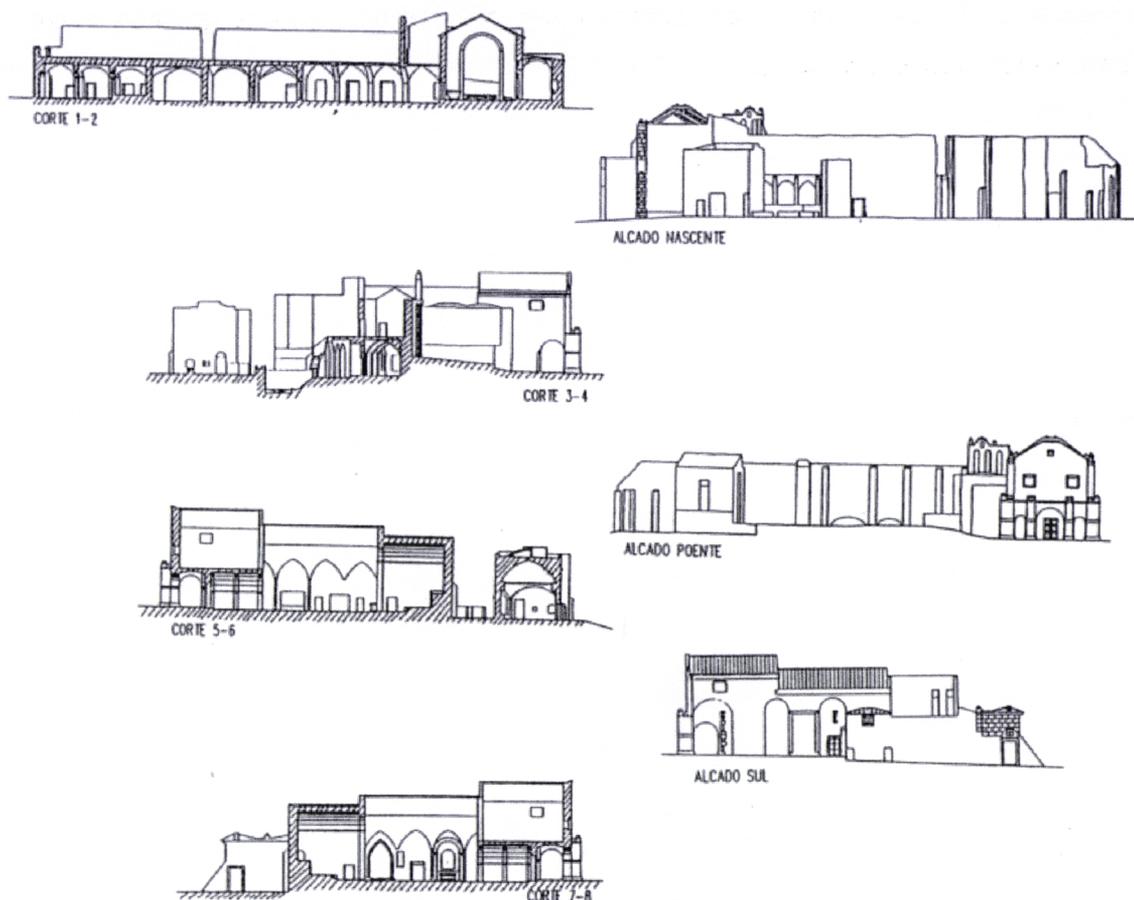


Fig. 4.90 – Moura, Convento de Nossa Srª da Assunção do Castelo, alçados (CMM)

Torna-se pertinente reforçar no nosso trabalho, a questão de que no passado, não se tomou, consciência da importância única dos espaços demolidos do convento, não só por apresentarem características arquitectónicas definidoras de edifícios conventuais, como da possível riqueza reconstrutiva de que estes eram detentores, com certeza semelhantes aos restantes espaços existentes.

A ignorância e falta de sensibilidade é uma realidade que infelizmente, ainda perdura nos nossos dias. Assumem-se, por vezes, atitudes com alguma esperança de que se pode fazer algo para salvar o presente património edificado como não é demais insistir. Surgem de facto, ideias mas, que, no entanto, não são aprovadas pelas entidades competentes. Estas limitam-se a dar pareceres pontuais, que não resolvem de modo algum o estado de degradação evidente no edificado que ainda resta.

Este descuido e falta de empenho está presente nas autarquias responsáveis pelo espaço edificado, contentam-se apenas com alguns pareceres pontuais que de longe em longe lhes “oferecem” e ficam satisfeitos por mais algum tempo. Não se pautam de facto, pela preocupação de acelerar a criação de novas propostas de solução para combater a degradação do edifício conventual, assim como também dos restantes elementos construtivos do Espaço Intra-Muros do Castelo de Moura. Assim, estes continuam a ter sempre o mesmo fim triste, nada

mais sofrem do que danos desastrosos da responsabilidade pelas intempéries que se fazem sentir todos os anos, e das acções nefastas do próprio homem.

Os últimos parágrafos traduzem da nossa parte um descontentamento total sobre o estado actual do edificado em estudo e sobretudo uma grande preocupação e receio pelo seu futuro.

É curioso e problemático que a maioria da população da cidade de Moura não conheça a riqueza que o edifício conventual ainda apresenta e acima de tudo que não esteja a par do seu estado de degradação e dos riscos que corre em desaparecer, pela falta de iniciativas em combater acções funestas de que é vítima. No entanto, esta realidade tem vindo a preocupar determinadas entidades ⁴⁰.

Já no principio deste século o Convento de Nossa Sr^a da Assunção estava neste estado de degradação.



Fig. 4.91 – Moura, Convento de Nossa Sr^a da Assunção do castelo, início do séc. XX (foto de João Mouca)

d) Levantamento dos materiais e processos construtivos

1. Materiais de construção

Esta alínea refere apenas o levantamento dos materiais e técnicas de construção aplicados no Convento de Nossa Sr^a. da Assunção e na igreja de Sta. Maria do Castelo do Espaço intra – Muros do Castelo da cidade de Moura. A explicação pormenorizada de alguns processos construtivos (fabrico de cal, construção em taipa, processo de caiação, etc) será realizada na alínea referente ao estudo dos materiais e processos construtivos tradi-

⁴⁰ Veja-se sobre o assunto, o anexo III, notícias do Jornal de Moura – “A Planície”

cionais e suas patologias inserida no capítulo do Bairro da Mouraria. Tal atitude justifica-se pelo facto dos materiais e processos construtivos aplicados serem idênticos nos dois núcleos urbanos em estudo.

Observando *in loco* os edifícios em estudo, podemos detectar que os materiais empregados na sua construção foram, na sua maioria, provavelmente extraídos na envolvência da cidade de Moura. Esta suposição é fundamentada pela pesquisa e recolha de informação sobre os materiais e técnicas tradicionais que usualmente eram utilizadas na região, sendo estas muito semelhante na construção do Convento e da Igreja. Através de informações dadas por pessoas especializadas na área, ficámos a saber que tanto a extracção de matéria-prima como o fabrico dos materiais necessários para construção tradicional se realizava, possivelmente, nas zonas limítrofes de Moura.

O aproveitamento de recursos geológicos oferecidos pela natureza no Alentejo foi sempre uma constante, a provar como a realidade da planura alentejana nunca deixou de aliciar os sucessivos povos que por ela passaram a fixarem-se e a construir aglomerados urbanos de alguma dimensão.

1.1 - Pedra

A rocha foi grandemente utilizada na construção dos edifícios em estudo, apesar de não ser um dos materiais que abunde significativamente na região. Empregou-se este material na construção de alvenarias, pilares, colunas, contrafortes, cunhais, vergas e ombreiras de janelas, portas e alguns pavimentos.

O mármore é a rocha que mais se evidencia, em virtude da sua aplicação em alguns elementos construtivos como vãos de janelas e portas, cunhais, colunas, túmulos, capitéis, alvenaria regular e irregular, extraía-se provavelmente esta rocha das pedreiras onde a população de Moura sempre se foi abastecer – a pedreira localizada perto do Sobral da Adiça e outras.

As outras rochas presentes nas edificações são aplicadas em alvenarias irregulares, de vários tipos, provenientes das redondezas. Destacamos os calcários, mas principalmente os xistos oriundos possivelmente de uma pedreira localizada num zona designada por Boeras, e ainda material detrítico como areia e cascalho possivelmente obtidos no afluente Ardila e Rio Guadiana (informação oral).

1.2 - Cal

Em nosso entender este material destaca-se na construção dos edifícios em estudo. Podemos considerar que foi essencial como ligante para a execução de argamassas aplicadas nas alvenarias, revestimentos e também utilizada como tinta para o acabamento final.

Como “reza a tradição” em Moura a cal preta era aplicada na execução de argamassas de assentamento e revestimento, e a cal branca no processo de caição dos paramentos. Colocamos a hipótese deste procedimento

ter sido seguido aquando da construção do convento e da igreja. No entanto, não temos indicações precisas do tipo de argamassa aplicada nos dois edifícios.

1.3 - Materiais cerâmicos

- tijoleira (ladrilho é termo das “gentes” de Moura) para pavimentos;
- tijolo maciço cozido, para paredes, abóbadas, vãos de portas e janelas, alvenarias, chaminés;
- telha mourisca – canudo - para coberturas

O uso destes materiais revelou-se bastante significativo na construção de ambos os edifícios. Seriam talvez, fabricados em fornos de telha e tijolo, localizados na periferia da cidade de Moura, de que até há pouco tempo existiam vários em plena actividade, fornecendo-se da argila proveniente de barreiras próximas.

A tradição de usar os referidos materiais foi sempre notória nesta cidade, e particularmente evidente na diversidade de abóbadas que lá se construíam e constróem, e também na construção de edifícios mais ou menos abastados.

1.4 - Adobe (terra crua)

Este material poderá ter sido aplicado nos edifícios em estudo, possivelmente nos paramentos interiores.

1.5 - Madeira

Relativamente ao uso da madeira, podemos considerar que este é limitado, tendo sido, provavelmente, aplicado na construção de raiz dos edifícios de que nos vimos a acupar, possivelmente nas coberturas e em portas e janelas. Presentemente este material apenas se emprega em alguns vãos anteriormente referidos.

O uso muito restrito da madeira explica-se, pelo facto do Alentejo ter sido sempre uma região caracterizada por não possuir, significativamente madeira de boa qualidade, para ser aplicada na construção. À época talvez não se justificasse a despesa de adquirir madeira apropriada proveniente de outras zonas do país ou do estrangeiro.

2. Processos de construção

Como anteriormente referimos, a aplicação, outrora, de determinadas técnicas de construção, dependia da existência ou não existência de materiais numa determinada região.

2.1. Fundações

Tomando em consideração que até aos nossos dias ainda se não tenham metido ombros a qualquer obra de conservação ou a qualquer pesquisa arqueológica, susceptíveis de nos proporcionar o conhecimento dos mate-

riais utilizados na construção das fundações do convento, cabe-nos apenas supor que os factores geológicos devem ter sido determinantes na opção dos materiais empregues neste edifício.

No entanto, pela observação *in loco* das escavações actualmente executadas na igreja no momento presente, ficámos elucidados de que as fundações do edifício eram feitas com alvenaria de pedra irregular argamassada, o que nos leva a crer que a fundação do edifício conventual seria idêntica.



4.92 – Moura, Igreja de Stª Maria do Castelo, fundações (foto da autora)

Acrescentamos que o processo observado é considerado tradicional na região de Moura.

2.2. Paredes

Em relação às paredes há basicamente três processos a referir:

- Alvenaria ordinária de pedra irregular, ligada com argamassa de cal, rebocada e caiada, decerto aplicada, nas paredes interiores.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



4.93 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, alvenaria de pedra irregular (foto da autora)

4.94 – Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo, alvenaria de pedra irregular e tijolo (foto da autora)

- Alvenaria de tijolo maciço cozido ligada por argamassa de cal, rebocada e caiada.

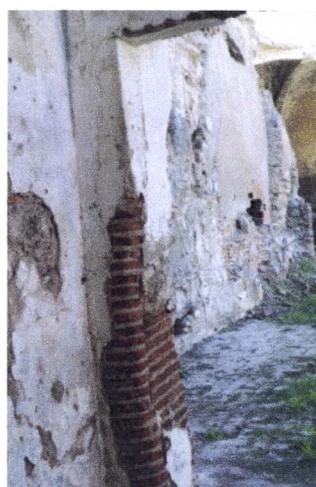


Fig. 4.95 e Fig. 4.96 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, alvenaria de tijolo (fotos da autora)

- Alvenaria de adobe ligada por argamassa de cal, rebocada e caiada, possivelmente nas paredes interiores.
- Taipa rebocada e caiada.



Fig.4.97 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, paredes em taipa (foto da autora)

2.3. Cunhais

- Na Igreja de Sta. Maria do Castelo, existem cunhais de pedra de mármore aparelhada com dimensões semelhantes

2.4. Vãos

A presença de vãos (portas e janelas) é notória no convento, pois apresenta um número significativo de aberturas tanto interiores como exteriores, enquanto que na igreja, se saldaram apenas, na totalidade, por duas portas e cinco janelas.

No convento algumas aberturas encontram-se tapadas com alvenaria de tijolo corrente e outras estão a descoberto sem qualquer resguardo.

As poucas janelas existentes na igreja apresentam molduras em reboco decoradas com pequenas velutas muito simples; as portas são constituídas por cantarias em pedra mármore, como algumas janelas.

2.5. Cimalthas e beirados

Assinalámos a presença de alguns troços de cimalthas no Convento, somente, completas na Igreja. Estes elementos construtivos têm a função de impedir a escorrência das águas pluviais pelas paredes.

2.6. Elementos decorativos – campanário

Realizado em alvenaria de tijolo maciço rebocada e caiada



4.98 - Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo campanário em alvenaria de tijolo (foto da autora)

2.7. Pavimentos

Todos os pavimentos interiores, tanto da Igreja como do convento são concretizados em tijoleira, material certamente predominante pela facilidade da sua produção e aquisição na zona envolvente.



4.99- Moura, Castelo, Edifício Roda dos Expostos (edifício pertencente ao Convento de Nossa Sr. ^a da Assunção do Castelo), pavimento em tijoleira. (foto da autora)

Existe um único pavimento pertencente a um dos espaços do Convento (12 a) feito com pedra equivalente à utilizada na calçada de uma das ruas principais do Espaço Intra-Muros do Castelo, designada por Calçada do Castelo.